

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LARISSA BUENO DOS SANTOS

***Não seja burro!:* o preconceito linguístico e a
intolerância no discurso de Marcela Tavares**



ARARAQUARA – S.P.
2017

LARISSA BUENO DOS SANTOS

***Não seja burro!:* o preconceito linguístico e a intolerância no discurso de Marcela Tavares**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras, habilitação em Português/Francês.

Orientador: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.
2017

Santos, Larissa B.

Não seja burro!: o preconceito linguístico e a intolerância no discurso de Marcela Tavares / Larissa B. Santos - 2017

62 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. Sociolinguística. 2. Mídia. 3. Purismo linguístico. 4. Variação linguística. 5. Preconceito linguístico. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço o amor e cuidado de meus pais, Mary Aparecida Pietrolongo Bueno dos Santos e Luis Henrique dos Santos, sem os quais nada teria sido possível. Agradeço todo o carinho e o suporte de minha irmã, Leticia Bueno dos Santos, e de meu companheiro, Pedro Vinicius Neres Chagas da Silva, que tornaram (e tornam) a caminhada mais leve e por acreditarem em meu potencial mais do que eu mesma. À minha linda família paulista, agradeço o amor e a compreensão.

Às minhas colegas de graduação: Clara Oliveira Mendes, Raíssa Fernandes Leandro e Ana Helena Dotti Campanatti, agradeço a amizade e os ótimos momentos que pudemos compartilhar. Ao mais que querido Iago David Mateus, agradeço toda a ajuda, as risadas, os conselhos e abraços. Ao maravilhoso Carlos Eduardo da Silva Ferreira, Kadu, agradeço todos os ensinamentos, conselhos, as conversas e risadas, o CLG. À querida Carla Alexandra Ezarqui, agradeço todo o apoio e compreensão.

E, por fim, certamente uma das pessoas mais importantes, agradeço à minha incrível orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Célia Mendonça, pela atenção, dedicação, por todos os ensinamentos e conselhos, por me incentivar e acreditar em meu potencial.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

(Oswald de Andrade)

RESUMO

Tendo em vista o atual e intenso uso de mídias sociais como propagador de diferentes ideologias de maneira viral, a heterogênea realidade linguística brasileira e o forte senso comum vigente que acredita em maneiras “certas” e “erradas” de uso oral e/ou escrito da língua portuguesa, busca-se na presente Monografia de Final de Curso analisar o primeiro vídeo da série online “*Não seja burro!*”, de Marcela Tavares, publicado em 11 de janeiro de 2016 no *YouTube*, com duração de 6 minutos e 27 segundos, 105.458 curtidas e 3.697 reações “não gostei” no canal da humorista nessa rede social e cujos enunciados são perpassados pelo imaginário comum de purismo linguístico. O vídeo foi selecionado por sua enorme repercussão na internet (ele conta com 1.470.952 visualizações no *YouTube*) e por ser o primeiro da série composta por nove, todos de mesmo nome e com o mesmo conteúdo: aprender a escrever e a falar “corretamente”, seguindo uma gramática normativa da língua portuguesa, a qual não é especificada, e seguindo os preceitos da então intitulada Professora Marcela Tavares. A fim de compor essa figura, a comediante aparece no vídeo usando óculos e com cabelos presos, representando uma professora que ministra uma aula *online* de português, semelhante a uma vídeo-aula. A partir de estudos em Sociolinguística, o objetivo geral desta monografia é analisar o preconceito linguístico presente no discurso da personagem Marcela Tavares que representa uma professora. Os objetivos específicos são: analisar como ela trata a noção de erro linguístico e analisar quais são os argumentos e justificativas usados pela comediante para legitimar as correções em sua “aula de português”. O trabalho se insere na área da Sociolinguística na interface com estudos do discurso, em especial os que se dedicam à discussão da noção de norma e variação e sua relação com o preconceito linguístico (LEITE, 2008, BRITTO, 2004; MENDONÇA, 2006). É realizado um estudo bibliográfico sobre variedade, mudança e preconceito linguísticos, normas linguísticas existentes no Brasil e sobre o ensino de língua portuguesa no país (BAGNO, 1999, 2007, 2009; BOURDIEU, 1989, 1998; FARACO, 2005, 2008; GREGOLIN, 2006, 2016; LABOV, 1974, 1981, 1982, 2006, 2008; SOARES, 1986). O vídeo foi transcrito e é analisado, qualitativamente, em seus aspectos verbais.

Palavras – chave: Sociolinguística; Mídia; Purismo linguístico; Variação linguística; Preconceito linguístico.

RÉSUMÉ

Du fait que l'usage des médias, très intense actuellement, propage des différentes idéologies de manière virale et que nous avons affaire à un portrait linguistique brésilien hétérogène aussi bien qu'à une perspective commune croyant aux formes « correctes » et « incorrectes » de la langue portugaise orale et/ou écrite, on s'attachera à analyser la première vidéo de la série en ligne « *Não seja burro !* », de Marcela Tavares, publiée le 11 janvier 2016 sur *Youtube* et présentant une durée de 6 minutes et 27 secondes. Elle a atteint 105.458 mentions « j'aime » et 3.697 mentions « je n'aime pas » sur la chaîne *YouTube* de Marcela Tavares et apporte des énoncés traversés par cette perspective commune de purisme linguistique. Choisie en raison d'une importante répercussion sur Internet (1.470.952 vues sur *YouTube*), la vidéo a, de surcroît, inauguré la série constituée de neuf vidéos, toutes sous le même titre et contenu : apprendre à écrire et à parler « correctement » la langue portugaise, selon une grammaire normative de la langue portugaise qui n'est pas spécifiée, et aussi apportant les prescriptions de Marcela Tavares qui s'auto intitule « Professeure ». Pour composer cette figure de professeur, l'humoriste porte des lunettes et ses cheveux sont attachés en queue de cheval, représentant une professeure qui donne des cours de langue portugaise en ligne, situation semblable à un cours vidéo. En ayant comme base les études en Sociolinguistique, on consacrera cette recherche à examiner la manifestation du préjugé linguistique dans le corpus par Marcela Tavares, puis, spécifiquement, la façon dont elle a choisie pour parler des « erreurs » linguistiques et, finalement, ses arguments et ses justificatives pour soutenir les « corrections ». Cette recherche appartient au domaine de la Sociolinguistique et s'articule autour des études du Discours notamment ceux qui portent un débat sur la norme et la variation linguistiques étant données les relations qu'elles établissent avec le préjugé linguistique (LEITE, 2008, BRITTO, 2004; MENDONÇA, 2006). On réalisera une recherche bibliographique sur les domaines de la variation, du changement et du préjugé linguistiques, également sur les normes linguistiques existants au Brésil et sur l'enseignement de la langue portugaise à ce pays (BAGNO, 1999, 2007, 2009; BOURDIEU, 1989, 1998; FARACO, 2005, 2008; GREGOLIN, 2006, 2016; LABOV, 1974, 1981, 1982, 2006, 2008; SOARES, 1986). La vidéo a été transcrite et sera analysée, qualitativement, en ce qui concerne ses particularités verbales.

Mots – clés: Sociolinguistique; Média; Purisme linguistique; Variation linguistique; Préjugé linguistique.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS	11
2.1 Variação, norma e preconceito linguísticos	11
2.1.1 A variação linguística no Brasil e na escola	21
3 CORPUS: <i>Não seja burro!</i>	31
4 METODOLOGIA	32
5 ANÁLISE	34
5.1 A não aceitação da diferença: condenando a variação linguística	34
5.2 A não aceitação da diferença: condenando a ortografia não convencional	42
5.3 A não aceitação da diferença: condenando a cultura do funk	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	56
APÊNDICE	59
APÊNDICE A – Transcrição do vídeo	59

1 INTRODUÇÃO

"[...] a língua é uma entidade social em constante transformação por nós que a inventamos e reinventamos todos os dias" - Marcos Bagno em entrevista (A língua como poder) à UNE para sua 9ª Bienal.

[...] qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua, de um lado, e de outro, as variedades. A língua é em si o conjunto das variedades. Ou seja, estas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua (FARACO, 2008, p. 73-74).

Considerando estudos linguísticos, todas as línguas são heterogêneas assim como o são seus falantes. Ao longo do tempo, elas mudam porque a sociedade muda. Assim, manifestam-se em diferentes contextos e de diferentes modos, transformando-se, atualizando-se, renovando-se. Como aponta Beline (2008, p. 151): “essa heterogeneidade é no fundo a raiz de toda mudança e podemos verificar que a heterogeneidade na sociedade pode gerar heterogeneidade na língua, e vice-versa”.

Ainda que heterogêneas, cada língua possui um núcleo comum que pode ser observado desde sua ortografia até à sua sintaxe e cujo objetivo é neutralizar as variações. Desse modo, todos aqueles que a conhecem e que por meio dela se expressam conseguem se compreender de maneira eficaz (FARACO, 2008).

Como aponta Faraco (2002 apud COELHO e GÖRSKI, 2009), neutralizar as variações é um processo que tem como objetivo uma estabilização linguística que envolve o apagamento de marcas dialetais. É importante destacar que essa estabilidade se dá principalmente na cultura escrita, devido a uma unificação desencadeada por coações sociais, é a chamada norma-padrão. Destacamos, ainda, que essa norma carrega um certo artificialismo, uma vez que para o estabelecimento de um “padrão neutro” é preciso elaborar “uma referência supra-regional e transtemporal” (FARACO, 2002, p. 42 apud *ibid.*, p. 80).

A neutralização de variações no português brasileiro permite que os brasileiros consigam comunicar-se entre si independentemente de sua origem regional. Informações podem ser transmitidas a nível nacional sem comprometimento do conteúdo; a leitura de textos antigos, de séculos passados, é totalmente possível, ainda que inicialmente traga dificuldades relacionadas ao léxico (o léxico é a parte da língua onde mais são perceptíveis as mudanças e variações linguísticas. A princípio, elas podem ser um entrave à compreensão, mas são o menor dos problemas, pois, se a estrutura da língua variasse completamente de

região para região, seria impossível o entendimento mútuo entre os indivíduos que se expressam pela mesma língua).

Contudo, a instituição de um núcleo comum às línguas em gramáticas e dicionários acabou por se transformar num padrão linguístico estrito, normativo, levando os indivíduos a crer que existe apenas uma maneira “correta” de expressar-se pelas línguas. Representado em “manuais” das línguas, tal padrão aparece carregado com um valor hierarquicamente superior na escala social, deixa-se de levar em conta que a língua representada nesses “manuais” não corresponde à expressão de nenhum indivíduo; a norma-padrão, como é conhecida, não está na boca de ninguém. Baseada no cânone literário da língua *portuguesa*, ou seja, em textos “modelos” escritos, a norma-padrão brasileira confunde fala e escrita, como se esta fosse a representação exata daquela. Ela é também confundida com a variedade culta (variedade dos indivíduos *cultos* de uma sociedade) e é imposta pela escola e pelos meios de comunicação em massa, propagando o purismo linguístico e negando as demais variedades linguísticas.

Os falantes cultos da sociedade brasileira não se expressam como a gramática normativa apregoa, mas sua variedade é aquela que mais se aproxima das prescrições desses manuais, isto é, há usos dos próprios “cultos” que a normatividade linguística condena como “erros”. Contudo, devido à confusão norma-padrão X variedade culta, acredita-se que sejam a mesma coisa. É necessário que fique clara essa distinção: a norma-padrão é uma norma, porque não é efetivamente utilizada por nenhum falante e, mesmo na escrita, a normatividade não é seguida fielmente. No que concerne à variedade culta, é uma *variedade* porque é, assim como outras variedades de português brasileiros, de fato utilizada por falantes dessa língua.

É importante destacar que a variedade culta, “o jeito correto de falar”, está reservada a menos de 15% da população brasileira (adultos com ensino superior completo), segundo dados da OCDE¹. Isto equivale a dizer que mais de 80% dos brasileiros “não sabe falar português”. Esse discurso purista sobre a linguagem apregoa que “falar corretamente” é pré-requisito para se ter acesso aos bens da cultura letrada e erudita, considerados superiores àqueles de outras expressões culturais. Assim, os indivíduos que não se expressam utilizando as variedades prestigiadas são marginalizados, vítimas de preconceito, o linguístico. Suas

¹ Cf. referências.

variedades são consideradas “deturpadoras da língua”², “erradas”³ e, diversas vezes, ouve-se que “isso não é português”⁴.

O discurso purista sobre a linguagem funda-se no conservadorismo e na discriminação sócio-econômico-cultural contra aqueles que não pertencem às classes dominantes (SOARES, 1986). Com grande influência do mito do “déficit linguístico e cultural” o qual, dentro da errônea teoria de *deficiência cultural*, estabelece que os indivíduos das classes menos privilegiadas socioeconomicamente estariam nelas devido às suas próprias características orgânicas, o purismo linguístico julga a capacidade de linguagem dos falantes a partir de sua posição social. Isto equivale a dizer que as supostas “deficiências culturais” (de aprendizagem, de cultura, de língua) decorreriam de “deficiências” biológicas e fisiológicas dos indivíduos e, conseqüentemente, elas determinariam suas posições na base da hierarquia social. Como aponta Britto (2004, p. 148), “a unidade e a diversidade de uma língua vêm do modo como a sociedade se organiza e reparte seus saberes e valores, particularmente os bens materiais”.

O discurso preconceituoso é utilizado na escola, alegando que o aluno é totalmente responsável por seu próprio fracasso por ser “incompetente”, “carente”, características resultantes de sua origem social. Uma vez que a escola julga a linguagem do aluno em função do dialeto de prestígio, único que considera “certo” e “bom”, segrega aqueles que vêm das camadas populares e que não possuem a linguagem que a instituição escolar exige. Assim, a instituição escolar brasileira propaga, dentro de si mesma, as relações sociais desiguais. É importante que o professor, nas aulas de línguas portuguesa, prepare-se para, como aponta Travaglia (2009, p. 39).

- a) levar o aluno ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura, seu funcionamento, sua forma e função;
- b) ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade.

É o discurso do erro que buscamos analisar no presente trabalho, avaliando como ele se faz presente nas falas do primeiro vídeo da série veiculada pela comediante Marcela Tavares.

² Disponível em: <<https://www.vortexmag.net/onde-se-fala-portugues-mais-correctamente/>>.

³ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,livro-adotado-pelo-mec-defende-falar-errado,718471>>.

⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/dicas-para-evitar-erros-de-portugues-frequentes.html>>.

Em nossa análise, selecionamos o primeiro vídeo da série *Não seja burro!*, lançado no *YouTube* em 11 de janeiro de 2016. O vídeo foi transcrito de acordo com proposta de transcrição do projeto NURC - conforme Koch (1992) -, descrito e analisado qualitativamente em seus aspectos verbais. Nosso estudo tem como base teorias discursivas articuladas a teorias sociolinguísticas (detalhes sobre o corpus e aspectos metodológicos são fornecidos no capítulo 3).

2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS

2.1 Variação, norma e preconceito linguísticos

Todas as línguas naturais mudam, é um fato inegável. “[...] a mudança lingüística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação lingüística” (WENREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 87). As línguas mudam porque são usadas pelos falantes, elas estão em constante mudança, nunca estão prontas. Como aponta Beline (2008, p. 150),

A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. Há então um delicado jogo de continuidade e de inovações, estas sempre em menor número.

As mudanças tampouco se dão de uma hora para outra, em saltos. Antes de qualquer mudança, há processos linguísticos pelos quais os elementos passam até que um se sobreponha ao outro e passe a ser o único utilizado na língua. O processo de implementação das mudanças ocorre, *normalmente*⁵, quando um traço característico da variação na fala informal de um estrato social (em geral, os estratos socioeconômicos intermediários) chega à fala informal dos estratos socioeconômicos mais altos. Gradualmente, esse traço avança para a fala formal e, ao se propagar para outros elementos presentes do sistema linguístico, começa a aparecer, então, no registro escrito da língua. É na expressão oral de gerações mais jovens e dos grupos menos privilegiados economicamente que a implementação de mudanças ocorre. É importante destacar que nem sempre os elementos em variação ocasionam mudanças. Por isso, dizemos que toda mudança linguística pressupõe variação, mas nem toda variação pressupõe mudança (WENREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

A língua pode mudar em qualquer nível linguístico: fonética, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, léxico... Também podem ocorrer mudanças em relação às modalidades de uso da língua: ao tempo (diacrônicas), ao registro (diamésicas), à situação (diafásicas), ao estrato social (diatráticas) e à região do falante (diatópicas). A variação e a mudança linguísticas não afetam a totalidade do sistema da língua ou sua potencialidade de expressão. A estrutura das línguas sofre alterações sem perda da sua sistematicidade, isto é, a organização linguística continua provendo todos os recursos necessários à expressão dos falantes (FARACO, 2008). Nas palavras de Britto (2004, p. 143),

Enquanto produto das interações sociais e históricas, a língua prevalece ou se modifica em função de exigências pragmáticas e da história política e

⁵ Ressaltamos que nem todas as mudanças passam necessariamente por essa progressão.

cultural de cada comunidade, não havendo razão para supor que a língua se desestruturará com o afrouxamento das amarras normativas.

A sensação de mudança, contudo, é pouco percebida pelos usuários da língua, uma vez que se cria uma imagem estática e imutável do sistema linguístico. Essa falta de percepção pode ser ocasionada por diversos fatores, dentre eles a lentidão da mudança linguística. Há ainda que destacar seu alcance, pois, uma vez que ela atinge apenas partes da língua, e não sua totalidade, a sensação de permanência e estabilidade é reforçada.

A cultura escrita também corrobora o imaginário de permanência. Como diz Faraco (2005, p. 15),

[...] as culturas que operam com a escrita – que é, por suas propriedades, história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada – desenvolvem um padrão de língua que, codificado em gramáticas, cultivado pelos letrados e ensinado pelas escolas, adquire um estatuto de estabilidade e permanência maior do que as outras variedades da língua, funcionando, conseqüentemente, não só como refreador temporário de mudanças, mas principalmente como ponto de referência para a imagem que os falantes constroem da língua.

O registro escrito é realizado por meio de um elemento mais duradouro do que a fala, por isso, tende a ser mais conservador. Devemos considerar ainda que, devido a essa durabilidade, o controle social sobre a escrita é facilitado, sendo mais intenso em relação a esse tipo de registro. Isso favorece o conservadorismo de certos padrões na escrita e a resistência a inovações. Esse distanciamento entre língua escrita e língua falada pode ser observado em qualquer língua que possua registro gráfico.

Podemos observar, a partir das palavras de Faraco, que a escrita funciona como modelo representativo do que seja (e deva ser) a língua para os falantes. Assim, eles a tomam como padrão de língua e de correção em relação às variedades, pois há um desconhecimento entre as diferenças entre escrita e fala, acreditando-se que a primeira é a representação exata da segunda. Os falantes não percebem que são dois tipos diferentes de registro. Segundo Abaurre e Pontara (2013, p. 168),

a escrita não é um mero registro da fala, pois surgiu para expressar diferentes necessidades comunicativas e cognitivas dos seres humanos. Alguns imaginam que escrever é simplesmente transpor para o papel, sob a forma de letras, os enunciados da fala.

A representação gráfica da língua tem forte peso social. Uma vez ligada à escola, ao conhecimento e permitindo o acesso a diversos bens culturais, a escrita aparece quase como uma entidade sublime em uma sociedade que tenha esse tipo de cultura. Por isso, é muito comum ouvir dos falantes “Pode falar errado, mas não pode escrever”. Como dito

anteriormente, os falantes, muitas vezes, não têm consciência de que a escrita de uma língua não é a transcrição exata da fala e, por isso, estigmatizam os indivíduos que não escrevem como preconizam as regras ortográficas.

A ortografia de uma língua é composta por um conjunto de regras a serem seguidas para que qualquer palavra da língua seja representada, mesmo aquelas inventadas, em uma forma neutra, sem variações, a fim de que seja compreendida por qualquer falante da língua. Sobre isso, Abaurre e Pontara (ibid., p. 168-169) dizem que

[...] a base do sistema de escrita que utilizamos é alfabética: usamos sinais gráficos (letras) para representar unidades de som menores do que as sílabas (fonemas). Esse procedimento permite representar, na escrita, qualquer palavra da língua, mesmo as que inventamos

e que “O uso de um sistema alfabético de escrita costuma ser regulado por uma ortografia, que estabelece as normas para utilização das letras na representação dos fonemas das diversas palavras da língua”.

No sistema alfabético que utilizamos, podemos usar uma mesma letra para representar mais de um fonema⁶ ou, ao contrário, um fonema pode ser representado por diversas grafias⁷. Algumas palavras homófonas caracterizam bem esse sistema de representação: *cassar* e *caçar*, *passo* e *paço*, *cesta* e *sexta*. Portanto, compreendemos que escrever seguindo as regras ortográficas não é uma tarefa fácil, pois exige que o falante/leitor conheça as convenções, que são muitas, e conhecer tais regras não se dá normalmente no dia a dia, mas com a inserção do indivíduo no sistema formal de ensino oferecido pela escola. Assim, perante um som que pode ser representado por diversas letras, o usuário da língua, geralmente os menos escolarizados, irão utilizar aquela que lhes parecer mais conveniente, nem sempre seguindo as regras ortográficas.

Convém salientar que as dúvidas que os indivíduos demonstram na escrita não são infundadas. O som [s], por exemplo, “é um caso extremo no português, podendo receber nove transcrições diferentes. Por incrível que pareça, é isso o que temos em: *som*, *nosso*, *centro*, *preço*, *exceto*, *sintaxe*, *voz*, *crescer* e *cresça*” (BELINE, 2008, p. 142).

É importante observar que as variações que ocorrem na fala, não tendo ainda entrado para a escrita e ao aparecerem nesse tipo de registro, algumas vezes em desacordo com as regras ortográficas, são socialmente estigmatizadas, apresentando “marcas identificadoras de variedades sem prestígio social” (FARACO, 2005, p. 26), uma vez que o falante transpõe para a escrita sua variedade linguística. Não negamos a importância de se escrever de acordo com

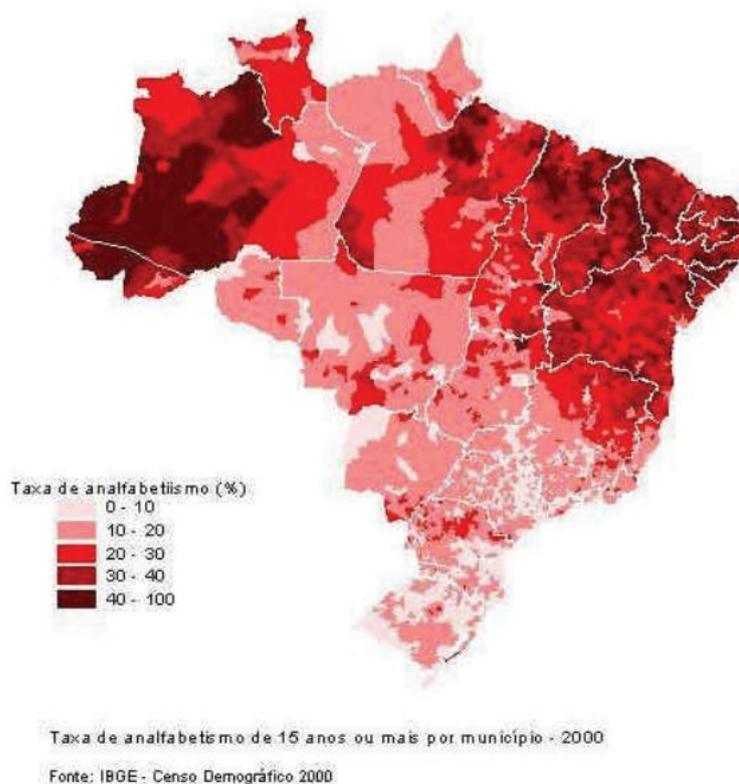
⁶ Em *zebra* e *arroz*, temos a letra *z* representando, respectivamente, os fonemas /z/ e /s/.

⁷ Em *caça* e *passo* temos um mesmo fonema /s/ representado, respectivamente, pelas letras *ç* e pelo dígrafo *ss*.

a ortografia, mas, como ela é resultado de um processo de aprendizado formal e muitos brasileiros não têm acesso à escola ou a escolas de qualidade, ela é um bem restrito a um pequeno grupo social.

No concerne à alfabetização brasileira, o cenário é preocupante. De acordo com dados da UNESCO publicados pela plataforma de notícias G1, o Brasil é o 8º país do mundo com maior número de analfabetos (13 milhões de pessoas acima de 15 anos). No total, são 35 milhões de brasileiros (27% da população) que nada leem ou leem muito pouco, estes últimos são os chamados analfabetos funcionais. Trazemos a seguir um gráfico do IBGE presente no *Mapa do analfabetismo no Brasil* do INEP.

Taxa de analfabetismo de 15 anos ou mais por município - 2000



Fonte: Mapa do analfabetismo no Brasil, 2003, p. 35.

Além disso, destacamos que, ainda que mais de 50% dos brasileiros tenham um aprendizado formal, o problema enfrentado no Brasil é que não usamos a gramática de nossa língua, a gramática do português brasileiro. Aprendemos e ensinamos uma gramática que não corresponde à nossa realidade: uma gramática idealizada que não falamos, moldada de acordo com o português europeu. Se não assumirmos nossa identidade linguística, problemas assim continuarão existindo e se expandindo gradativamente.

No que se refere às variações e mudanças linguísticas, ainda que não sejam assim percebidas pelos falantes (como dito anteriormente, as variedades não-cultas são tomadas

como “corretas” e as demais como “erradas”), eles podem percebê-las de diversas formas: em textos antigos da língua, na convivência entre falantes jovens e velhos, na interação com falantes de distintas classes sociais (principalmente aquelas que não têm, ou têm muito pouco, contato e/ou acesso à escola e à cultura escrita).

Por não compreenderem que as variações podem ser princípios de mudança e também por imaginarem uma língua estável e homogênea, os falantes, em geral os dos estratos mais altos, rotulam as variedades dos falantes das classes mais baixas como “erros”, “deturpações” do sistema linguístico. O que ocorre é a confusão entre “sistematicidade” e “homogeneidade”; elas nada têm a ver uma com outra. Como dizem Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125),

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

O senso comum acredita na existência de um padrão de língua homogêneo, unitário e imutável, tendo dificuldades para absorver o aspecto da heterogeneidade constitutiva da língua e de seu funcionamento. A ideia de padrão linguístico toma mais força com o surgimento dos Estados Nacionais europeus. A língua aparecia naquela conjuntura como parte do processo centralizador a fim de caracterizar as nações como um todo íntegro e coeso. Assim, os países europeus desenvolveram “políticas linguísticas homogeneizantes em seus territórios” (FARACO, 2008, p. 35). No que concerne ao estabelecimento de um padrão, trazemos as palavras de Faraco (ibid., p. 74 – grifos do autor),

Em resposta à profunda diversificação do mapa lingüístico de cada um dos novos Estados, emergiu um projeto padronizador. Desde Antonio de Nebrija [...] se buscou estabelecer, por meio de instrumentos normativos (gramáticas e dicionários), um **padrão** de língua para os Estados Centrais Modernos, de modo a terem eles um instrumento de política lingüística capaz de contribuir para atenuar a diversidade lingüística regional e social herdada da experiência feudal. A esse instrumento damos hoje nome de *norma-padrão*. Se a norma culta/comum/*standard* é a variedade que os letrados usam correntemente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita, a norma-padrão não é propriamente uma variedade da língua, mas – como bem destaca Bagno (2007a) – um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização.

Observamos, a partir das palavras de Faraco (2008), que a *norma-padrão* não corresponde a uma variedade propriamente dita, mas a uma sistematicidade construída e de certo modo abstrata, utilizada como referência para fins políticos de uniformização linguística, ou seja, podemos afirmar categoricamente que a norma-padrão é a “variedade” da língua que “não está na boca de ninguém”.

Contudo, a tradição gramatical, o ensino escolar e a mídia propagam tal norma como única e correta, criando a imagem de uma unidade linguística ideal que deve ser dominada por todos os falantes, discriminando, assim, todas as variedades da língua, mesmo a *variedade culta*⁸, ainda que esta em baixíssimo grau. Como diz Britto (2004, p. 148)

Tem umas tantas características das falas dos grupos sociais identificados com este modelo [culto] que também podem estar em desacordo com a norma canônica, mas, neste caso, ou serão admitidos como variação legítima ou serão alvo de uma censura muito mais suave.

A variedade culta corresponde à expressão recorrente observável dos indivíduos de certo grupo social em uma determinada comunidade. É a variedade que mais se aproxima das prescrições gramaticais, mas, ainda assim, há elementos característicos da expressão culta que não estão de acordo com a norma-padrão. Como diz Bagno (1999, p. 9-10) “a gramática normativa é a tentativa de descrever a [...] chamada *norma culta*”. Ou seja, mesmo os falantes cultos de uma sociedade comentem “erros” perante a normatividade linguística. Já para Britto (2004, p. 149) “trata-se de uma concepção que desconsidera o processo como ocorre a variação (constitutiva do fenômeno linguístico) e falsa de como se dão os acordos no estabelecimento de línguas de grupos sociais”.

É importante ressaltar que as instituições (escolares, midiáticas), assim como o senso comum, confundem norma-padrão e variedade culta e as difundem como se fossem uma mesma coisa: o ideal de língua de uma sociedade o qual deveria ser buscado por todos os indivíduos que se expressam pelo mesmo idioma.

Nos meios midiáticos, especialmente em jornais e na televisão, observamos explicitamente diversas ocorrências de ridicularização, de desprezo pela fala de determinados grupos, geralmente nordestinos. Formadora de opinião, a mídia escolhe *o que* quer veicular e *como*, pois, monológica, veicula apenas suas próprias concepções ideológicas, em detrimento de todas as outras presentes na circulação social. Nas palavras de Junqueira et al. (2012, p. 2463), “Ela se faz, antes de tudo, em uma única e só direção. Isto não é um mal em si, mas também traz consequências, na medida em que não existe o diálogo. O locutor fala e nós ouvimos, não interagimos, não retrucamos, não divergimos dialogicamente”.

É importante destacar que os meios de comunicação em massa usam como estratégia geral a criação de estereótipos, tipos, a fim de trabalharem com humor para cativar o público. Trabalhando sobre clichês, o preconceito e a intolerância chegam sutilmente ao espectador, o que estimula que sejam vistos “como algo natural, comum e intrínseco à sociedade” (ibid., p.

⁸ Uma vez que, segundo Faraco (2008), ela pouco se diferencia da linguagem urbana comum, ou seja, aquela utilizada pelos falantes não considerados cultos na sociedade.

2465), valorizando a norma-padrão/variedade culta (tomadas, geralmente, como sinônimos pelas mídias e pelo discurso purista sobre a linguagem), e defendendo um “português puro, correto, estabelecido a partir das gramáticas tradicionais, mostrando grande preconceito particularmente com as variedades populares” (ibid., p. 2462).

Mas o que é norma? Variedades têm normas? A partir do estruturalismo saussuriano, Eugenio Coseriu (1952, p. 58 apud COELHO; MONGUILHOTT; SEVERO, 2014, p. 52) propõe uma reflexão sobre *norma linguística*: “na verdade, a norma é variável, dependendo da natureza e limites da comunidade proposta” (COSERIU, 1952, p. 58). Para o autor, a língua é um fato social, por isso “norma” não é o correspondente do que é permitido dizer em uma língua, mas ao “já dito” e a “o que é dito” em uma comunidade determinada, ou seja, ao que é comum. Assim, cada comunidade tem a sua própria norma e ela varia conforme variam os grupos sociais. Podemos compreender, portanto, que norma é um

[...] determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (FARACO, 2008, p. 37).

É importante ressaltar que toda norma é organizada, todas as variedades possuem regras de funcionamento e gramática, pois é impossível falar sem sistematização. O discurso purista sobre a linguagem, contudo, trata as variedades como ilógicas, desestruturadas, erradas, pois confundem o conceito de norma com *prescrição*⁹. Os falantes, principalmente aqueles de grupos socioeconômicos mais privilegiados e que não são, geralmente, desencadeadores de mudança, julgam negativamente as inovações. Isso ocorre porque muitas mudanças são socialmente estigmatizadas, aparecendo como variedades marcadas pertencentes a classes com baixo prestígio social, com o qual tais classes não querem se identificar.

Do ponto de vista linguístico, nenhuma forma é a correta ou a melhor em relação a qualquer outra que seja usada na língua. A valoração das formas é criada no meio social,

⁹ De acordo com o dicionário online Aulete, norma pode ser entendida como:
sf.

1. Aquilo que está determinado como regra, regulamento, ou lei: *as normas da escola*.
2. Forma normal ou usual de se fazer alguma coisa: *Minha família tem como norma jantar cedo*.
3. Ling. Conjunto de regras que determinam o uso de uma língua.
[F.: Do lat. *norma, ae.*]

A partir disso, podemos compreender que *norma linguística* (item 3 da definição) é um conjunto das definições 2 e 3: norma são as regras usuais que os falantes utilizam usualmente, frequentemente, portanto, é o conjunto de regras que determinam o uso efetivo da língua pelos falantes. Essa concepção se adequa muito bem aos estudos linguísticos que esclarecem a regularidade das diversas normas das línguas, ou seja, nenhuma norma (variedade) é infundada ou ilógica.

Definição disponível em <http://www.aulete.com.br/norma>. Acesso em 10 jul 2017.

portanto, o estigma de uma variedade acaba por recair nos falantes estigmatizados que a utilizam. Assim, há uma barreira social que impede a concretização de uma mudança linguística, ela é, portanto, um fator extralinguístico. Beline (2008, p. 153) diz que

pode haver fatores de duas espécies que favoreçam ou dificultem a mudança: fatores estritamente linguísticos e fatores extralinguísticos. Os fatores linguísticos se relacionam à forma como a língua está organizada, como funciona o seu sistema, quais são seus elementos, suas regras, etc. os fatores extralinguísticos relacionam-se à forma como a língua está organizada na sociedade.

Observamos, a partir das reflexões de Beline, que o contato linguístico entre diferentes grupos sociais não é condição suficiente para que alterações aconteçam na língua. O modo como as características linguísticas de determinado grupo são percebidas por outro influencia a efetivação da mudança. “[...] não assumimos as características linguísticas daqueles que, de algum modo, não gostamos ou daqueles de quem queremos nos distanciar ou ainda daqueles com quem não queremos ser parecidos” (FARACO, 2008, p. 129), pois, como aponta Junqueira et al. (2012, p. 2459, “[...] há uma linha muito tênue entre a linguagem e sociedade, pois, linguagem é o reflexo daquilo que a sociedade constrói culturalmente, agindo como mecanismo de transmissão dos costumes, crenças, saberes e tradições, construindo deste modo a identidade de um povo”.

Faz-se necessário compreender que as línguas não variam aleatoriamente. O juízo de valor negativo que estigmatiza algumas variedades não leva em conta os fatores que as desencadeiam: acontecimentos históricos, elementos socioculturais, posição na estrutura social, concepção de mundo, acesso à escola e à informação, dentre outros. Esses fatores são fundamentais para que as mudanças sejam compreendidas em uma sociedade. Falantes pouco ou mal escolarizados, por exemplo, dominam precariamente as regras de escrita formal. Contudo, todo e qualquer falante domina mais de uma norma, pois uma comunidade linguística é composta por diversas normas. Como dito anteriormente, a pluralidade de normas é reflexo da heterogênea malha de relações sociais existentes em uma comunidade.

Faraco (2008, p. 40) traz o conceito de *comunidade de prática*, caracterizada por um “agregado de pessoas que partilham experiências coletivas no trabalho, na igreja, nas escolas, nos sindicatos e associações, no lazer, no cotidiano, da rua e do bairro, etc.”. Logo, uma mesma pessoa pode pertencer, ao mesmo tempo, a diversas comunidades de prática. Em cada uma delas há, geralmente, distintos modos de expressão, o que ocasiona a adequação do falante a elas e a outras situações. Desse modo, “cada falante é um camaleão linguístico” (loc. cit.).

Consideramos, então, que cada grupo social se expressa pela língua de um modo que lhe é característico e identificador. Uma vez que a expressão por determinadas normas permite essa identificação de grupo, podemos dizer que elas são, além de formas linguísticas, conjuntos de valores socioculturais. Como dito anteriormente, os falantes tendem a falar de acordo com o grupo social ao qual pertencem¹⁰ e, dependendo da valoração que seu falar possui na sociedade, eles podem visar sua preservação por motivo de orgulho, resistindo aos falares de outros grupos. De outro modo, se o falar de determinado grupo é estigmatizado, os falantes buscarão dominar as normas de outros, as quais não sejam socialmente estigmatizadas, a fim de atenderem às expectativas sociais (loc. cit.). Como aponta Britto (2004, p. 153), “A diferença [...] não está no quanto uma palavra dita é diferente da forma modelar, está no quanto ela é identificada ou não com a fala dos grupos sociais menos favorecidos, o quanto está legitimada”.

Essa tentativa dos falantes reflete o que chamamos de *preconceito linguístico*. Como discutido previamente, tal preconceito não tem fundamento na realidade, uma vez que, a partir da perspectiva linguística, não há forma melhor ou pior do que outra, elas são, simplesmente, diferentes. As valorações que as circundam são construídas no meio social. Como diz Bagno (1999, p. 9),

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre *língua* e *gramática normativa*. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

Assim, observamos que a gramática normativa aparece como a tentativa de descrever o falar dos indivíduos cultos da sociedade, sem levar em conta que ele se altera ao longo do tempo, uma vez que os falantes mudam, não são eternos. Como poderia, então, o falar “culto” de uma sociedade se manter descrito pelas gramáticas e dicionários por tanto tempo? Em seu livro¹¹, Bagno (ibid., p. 10) compara a normatividade a um igapó. Ele diz que, enquanto a gramática normativa é um igapó (grande poça d’água estagnada próxima a um rio), a língua é um rio volumoso, em constante movimento e renovação. O igapó/gramática normativa, então, envelhece, renovando-se apenas na próxima cheia (que pode demorar muito tempo para chegar).

O purismo relacionado à linguagem é propagado pela mídia que se utiliza da fala urbana como padrão neutro para veiculação de notícias, informações e entretenimento. É

¹⁰ Convém salientar que as normas, além de dinâmicas, são híbridas, portanto apresentam características em comum.

¹¹ *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.

também veiculadora de livros, revistas e manuais que pregam um jeito “correto” de falar e condenam os usos “incorretos” da língua, influenciando o público receptor. Sobre isso, Azambuja (2008, p. 38 apud SILVA e LIMA, 2016, p. 8) diz que

O público adquire conhecimento e se interessa pelo que aparece na mídia, o que significa que os veículos de comunicação induzem o público sobre o que ele deve pensar e como deve pensar sobre determinados assuntos.

E Marina Célia Mendonça (2006, p. 51) diz que,

Pelo poder que a mídia exerce na vida das pessoas, uma hipótese que me parece mais forte é que as *realidades* por ela produzidas sejam incorporadas pelos sujeitos-leitores como efetivas *realidades* e transplantadas para o social. Isto é: a realidade produzida pela mídia pode chegar a se constituir a realidade do telespectador, em termos de valores compartilhados, comportamentos adquiridos etc. Mas perceba-se que se trata de *realidades*, no plural, visto ser esperado que elas, atravessadas por outras, não sejam as únicas, quer dizer, não sejam compartilhadas por todos.

Assim, qualquer expressão linguística que não se encaixe no tripé escola-dicionário-gramática é considerada “errada”, “feia”, “deturpadora” da língua. No Brasil, chegamos mesmo a ouvir coisas como “isso não é português” ou “aquela pessoa não sabe falar português”, referindo-se ora ao falante de português nativo ora a uma variedade/variante estigmatizada. Como diz Bagno (2010, p. 17 apud JUNQUEIRA et al., 2012, p. 2461), “acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber ‘usar’ corretamente a visão”.

De acordo com Marli Quadros Leite (2008, p. 13), a intolerância linguística passa quase despercebida pela opinião pública e é “tão agressiva quanto outra qualquer, pois atinge o cerne das individualidades”. Sua afirmação é correspondente a de Britto (2004): “a língua é um dos lugares em que a ideologia é mascarada, é despercebida e, portanto, é violenta”. A autora faz uma diferenciação entre *intolerância* e *preconceito* linguísticos. Segundo ela, preconceito se caracteriza por ser “a idéia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir à *intolerância*, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações” (op. cit., p. 20 – grifos da autora). Assim, a intolerância corresponde não a uma opinião, mas a um comportamento, a uma ação contra uma opinião, um dizer. Assim, enquanto o preconceito é a não concordância velada, a não aceitação da diferença, a intolerância é a incapacidade “de o indivíduo conviver com a diversidade de conceitos, crenças e opiniões” (BOBBIO, 1992, p. 203-204 apud LEITE, *ibid.*, p. 21), é uma resposta comportamental.

Há ainda que se destacar que o preconceito pode se originar a partir da tradição, ou seja, sem reflexão crítica efetiva. Ele é produto do costume, da autoridade. Assim,

depreendemos que o preconceito é um “não gostar” sem motivos racionais, lógicos e, de acordo com Leite, pode até mesmo não se manifestar.

A intolerância, por sua vez, já decorre da não criticidade e do julgamento prévios. Negativa, ela promove a “indevida exclusão do falante” como aponta Bobbio (apud LEITE, *ibid.*, p. 24).

Sumariamente, então, nas palavras de Leite (2008, p. 24-25 – grifos da autora), temos que

O preconceito é discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar, um achar-feio ou achar-errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou o correto. É um não-gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um discurso metalingüístico calcado em dicotomias, em contrários, como por exemplo, tradição x modernidade, saber x não-saber e outras congêneres.

Observamos, portanto, que o discurso purista sobre a linguagem não se caracteriza somente como preconceituoso, mas também intolerante, pois instaura uma dicotomia, é explícito, ruidoso. Ao instaurar a distinção *variedade culta x variedade não culta, norma-padrão x norma não padrão/popular, certo x errado*, o purismo linguístico instaura a intolerância, pois faz valorações e julgamentos conscientes sobre o que considera *inapropriado*, rejeitando as variedades que não se encaixem no que considera *correto* e *bonito*.

Convém discutirmos, então, a variação linguística no Brasil e o papel da escola e da mídia na propagação do discurso purista sobre o português brasileiro, assim como sua relação com o preconceito e a intolerância linguísticos.

2.1.1 A variação linguística no Brasil e na escola

A realidade sociolinguística de qualquer língua é heterogênea e, portanto, complexa. No Brasil não poderia ser diferente. Os fatores que colaboram para essa diversidade são inúmeros: idade, classe social, grau de escolaridade, proximidade ou distância de centros urbanos...

Assim como todas as línguas, o português possui um núcleo linguístico comum, minimizado de variações e que se manifesta da ortografia à sintaxe. O léxico da língua é a parte mais sensível às variações, sendo, portanto, a parte menos “neutra”. Mas, ainda que essas diferenças existam, elas não impedem que os indivíduos se expressem e se comuniquem de modo eficiente (FARACO, 2008).

Esse núcleo linguístico comum visa à homogeneização política e é responsável pela construção da identificação nacional dos indivíduos falantes de português. Contudo, o estabelecimento desse eixo compartilhado se deu em “manuais” da língua, os quais basearam sua elaboração na expressão literária escrita, destoando, portanto, da expressão real dos indivíduos. Esses manuais, com o passar do tempo, tornaram-se normativos, prescritivos, sendo tomados como modelos da língua que o falante deve demonstrar ao expressar-se. Como diz Faraco (ibid., p. 152 – grifos do autor)

os letrados brasileiros, no século XIX, depois da independência política, debateram extensamente a questão da língua. A pergunta central era que modelo de língua se deveria adotar na escrita. A resposta vencedora nessa longa polêmica não foi no sentido da adoção de um português abasileirado (i. e., adotar na escrita as características da fala culta/comum/*standard* brasileira), mas, bem ao contrário, foi no sentido de uma imitação do padrão escrito lusitano que se firmara com os autores do romantismo em Portugal.

Assim, gramática tradicional da língua portuguesa traz como exemplos sentenças e trechos retirados de cânones literários, exemplos de linguagem que, evidentemente, foram trabalhados artisticamente por seus autores. Observamos, portanto, uma expressão não-espontânea e escrita da língua.

Como dito anteriormente, devido à indistinção que senso comum faz entre norma-padrão e variedade culta, propaga-se o discurso purista sobre a linguagem de que a expressão culta urbana é reflexo das regras gramaticas prescritas nos manuais normativos da língua portuguesa, assim como que o domínio de tais postulações é fundamental para que o indivíduo se insira na cultura letrada. Contudo, nas palavras de Faraco (2008),

[...] *a norma culta brasileira* pouco se distingue dos estilos mais monitorados dessa *linguagem urbana comum*, segundo fica demonstrado pela análise dos dados coletados pelo projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) – (cf. PRETTI, 1997)”

[...] a norma culta brasileira falada se identifica, na maioria das vezes, com a linguagem urbana comum, ou seja, com a fala dos falantes que estão fora do grupo dos chamados (tecnicamente) de cultos (cf. Preti, 1997:18) e não propriamente com as prescrições da tradição gramatical mais conservadora. (ibid., p. 48).

Reafirmamos, a partir das palavras de Faraco, que a variedade culta não é a correspondência exata da norma-padrão; ela é a expressão dos falantes chamados de cultos na sociedade.

De acordo com a pesquisa realizada pelo projeto NURC¹², tais falantes foram identificados como aqueles que possuíam ensino superior completo, na época dos resultados da pesquisa, entre as décadas de 1980 e 1990, os cultos representavam 10% da população. Atualmente, os números não mudaram muito, apenas 14% dos brasileiros adultos possuem escolarização superior completa¹³, isto é, menos de um quinto da população brasileira. O aumento foi de 4% em mais de 20 anos! A variedade culta está, portanto, ligada a um alto grau de letramento, exclusividade de poucos, a elite letrada da nação. E, já que tal falar é um bem cultural de uma fração ínfima dos brasileiros, ele acaba funcionando como “um fator de discriminação social, cultural e econômico” (ibid., p. 61). Como diz Bagno (1999, p. 16-17),

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os *sem-língua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal — por isso podemos chamá-los de *sem-língua*.

A partir dessas reflexões propostas por Marcos Bagno e do que foi discutido anteriormente, atestamos que, no Brasil, cerca de 85% da população são os “sem-língua” caracterizados por Bagno. E é a norma excludente, a variedade culta urbana, que é utilizada nos meios de comunicação em massa do país e, por isso, tem efeito homogeneizador sobre as demais variedades do português brasileiro, já que ela possui uma enorme repercussão que nenhuma outra variedade linguística possui.

É importante ressaltar que não existe apenas uma variedade culta urbana¹⁴. Cada região possui sua variedade urbana, seria impossível que em todos os núcleos urbanos brasileiros os falantes se expressassem da mesma forma. Os meios de comunicação em massa alegam utilizar uma norma urbana culta, a que chamam “neutra”, como se não correspondesse a nenhuma variedade. Entretanto, cada variedade linguística possui características que as

¹² “[...] a norma culta seria, pelos critérios do NURC, a variedade que está na intersecção dos três *continua* em seus pontos mais próximos do urbano, do letramento e dos estilos mais monitorados.” (FARACO, 2008, p. 49).

¹³ **Só 14% dos adultos no Brasil tinham ensino superior em 2015, nota OCDE**. Acesso em 9 ago 2017.

Disponível em

<<http://www.valor.com.br/brasil/4710581/so-14-dos-adultos-no-brasil-tinham-ensino-superior-em-2015-nota-ocde>>.

¹⁴ Do mesmo modo que não há apenas uma norma “popular”.

identificam a regiões, estratos sociais etc. Ampliando esses traços identificadores, as variedades aparecem como sinônimos de cultura, sendo a “popular” menosprezada pela “erudita”, “cultura”. Assim, a imprensa propaga a variedade que considera correta e mais corrente em detrimento das outras variedades.

Imbrincada em jogos de poder, muitas vezes a língua é utilizada para depreciação daqueles que não se expressam pela variedade culta, evidenciando, assim, o preconceito linguístico presente no discurso purista sobre a linguagem. De acordo com Leite (1999, p. 50 apud MENDONÇA, M. C., 2006, p. 43)

[...] quem conhece a norma culta detém uma espécie de poder, e a demonstração disso pode agredir quem não a conhece. Portanto, mesmo nas altas camadas da sociedade, ficam estigmatizados os que ignoram a tradição da língua, diante dos que a conhecem.

Como atesta Britto (2004, p. 147) “essa pessoa culta (expressão de classe social) é transformada em modelo de cultura, de moral e de respeitabilidade: ela é a autoridade de onde emana a verdade”.

Notamos que esse julgamento atinge todos os indivíduos que não se expressam pela variedade mais próxima daquela prescrita em manuais e outros dispositivos normativos. Desse modo, o purismo linguístico rotula a expressividade dos falantes, separando-os nos grupos dos que falam “certo” e dos que falam “errado”, tentando cercear a expressividade dos indivíduos dizendo-lhes o que devem ou não dizer, assim como de que modo devem ou não se expressar. Esse pensamento, além de propagado pelos meios de comunicação em massa, o é também pela escola.

As intensas transformações nos âmbitos político, social, econômico, cultural ao longo dos últimos séculos alteraram a configuração da sociedade na contemporaneidade. A defesa da educação popular no Brasil data de antes da proclamação da República, como aponta Soares (1986). Com o passar do tempo, esse discurso sobre democratização do ensino, “educação como direito de todos”, acabou por apontar para duas direções: o caminho *quantitativo* e o caminho *qualitativo*. O primeiro relaciona-se ao aumento da quantidade de escolas no país para que as classes populares possam ser atendidas de maneira significativa; o segundo trata da reforma educacional: investimentos em infraestrutura e na formação continuada de professores, aplicação de novos métodos de ensino, reorganização da estrutura escolar, dentre outros. O acesso à escola pública pelas camadas populares é uma conquista de lutas pelo direito da democratização do saber “através da democratização da escola” (ibidem, p. 9).

Ao refletirmos sobre a escola brasileira, entretanto, verificamos que ela é *contra* o povo e não *para* o povo, para usarmos os termos de Soares (1986). De acordo com o Censo Escolar de 2015¹⁵, 3 milhões de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos estão fora da escola. Além disso, o número de matrículas caiu em todos os níveis de ensino, exceto na creche.

Em relação ao ensino médio cujas matrículas reduziam-se desde 2010, o percentual mais elevado encontra-se entre 2014 e 2015, com redução de 2,7% das matrículas. Sobre o ensino fundamental, encontramos que a matrícula dos anos iniciais sofreu queda de “1,51% de 2014 para 2015 e queda de 0,76% de 2015 para 2016. Nos anos finais, a queda de 2014 para 2015 foi de 3,12% e de 0,96% de 2015 para 2016” (Notas estatísticas – Censo Escolar 2016, p. 20)¹⁶.

Há ainda que citar que, das crianças de 4 anos, 690 mil não são contempladas e, sobre os adolescentes de 17 anos, 932 mil abandonaram os estudos¹⁷. Sobre a evasão escolar, um levantamento estatístico realizado pelo governo federal atestou que

12,7% e 12,1% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do ensino médio, respectivamente, abandonaram os estudos entre os anos de 2014 e 2015, de acordo com o Censo Escolar.

Ainda de acordo com a análise, o 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do ensino médio, com 6,7%. Considerando todas as séries do ensino médio, a evasão chega a 11% do total de alunos nessa etapa de ensino. (EVASÃO..., 2017)¹⁸.

De acordo com Magda Soares (1986), as altas taxas de evasão e fracasso escolar apresentam grande relação com a origem social dos alunos. Citando Mário Quintana (p. 10), “Democracia? É dar, a todos, o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um”, a autora discute algumas “explicações” do *bidialetalismo funcional* que eram frequentemente utilizadas na década de 1980 para justificar as causas do (in)sucesso escolar dos alunos. Apresentamo-las sucintamente: *a) ideologia do dom*: o fracasso do aluno é explicado por sua incapacidade de adequar-se à escola, ele não tem condições básicas para aprender; *b) ideologia da deficiência cultural*: a classe social do indivíduo seria determinada por suas características pessoais, aqueles situados nas classes mais baixas estariam nela justamente por serem menos capacitados e por possuírem déficits culturais e de aprendizagem, e *c) ideologia das diferenças culturais*: acredita-se que há culturas superiores e

¹⁵ Cf. referências bibliográficas.

¹⁶ Cf. referências bibliográficas.

¹⁷ Cabe ainda trazer as reflexões de Bagno (1999, p. 22): “O Brasil, que em 1996 ocupava a 58ª posição, caiu, em 1999, para a 79ª [no quadro do IDH estabelecido pela ONU para avaliar a qualidade de vida no 175 países do mundo], devido à sensível piora das condições sociais dos brasileiros como um todo. Diante de tamanha diferença, um índice *per capita* de dois livros por ano, num país com 60 milhões de analfabetos plenos e analfabetos funcionais (número igual ao da população total da França), é mesmo espantoso...”.

¹⁸ Cf. referências bibliográficas.

inferiores: para as classes dominantes, as culturas das classes menos favorecidas seriam “subculturas”, “deficitárias”, “carentes” e “pouco desenvolvidas”.

Mesmo que tenha sido superado, o bidialetalismo funcional deixou marcas profundas no ensino escolar. Essa proposta visava ensinar aos alunos falantes das variedades populares a norma-padrão/culta¹⁹ como equivalente às variedades de língua portuguesa, contudo, destacando que, devido a convenções sociais, ela é mais prestigiada e deve ser usada quando necessário (NOBRE, 2012). Assim, o aluno deveria se expressar por meio da variedade culta em determinadas situações a fim de não sofrer preconceito linguístico, pois utilizando a sua própria, popular, passaria por essa situação. Contudo, na prática, essa proposta funcionava como imposição da norma-padrão/culta e negação das variedades populares; a instituição escolar não as tratava como equivalentes, mas sim de modo hierarquizado. Assim, as desigualdades sociais e o preconceito eram reproduzidos dentro da escola.

Os alunos ainda são tratados discriminatoriamente, atribuindo-se a eles o fracasso acadêmico como sua própria responsabilidade. Isso decorre do modo como a escola considera as diferenças, tratando-as como *deficiências/carências*. Essas diferenças são mais facilmente percebidas na expressão linguística dos diferentes grupos sociais que se fazem presentes na instituição escolar. É da valoração dessas diferenças que surge o preconceito linguístico e o fracasso escolar.

Como aponta Soares (ibid., p. 17)

o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variedade-padrão socialmente prestigiada.

Bagno (1999, p. 15) afirma que

ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

Os alunos das classes menos privilegiadas, ao chegarem à escola, deparam-se com o rótulo de “deficientes linguísticos” advindo da teoria da deficiência cultural que afirmava que tais alunos “chegam à escola com uma linguagem deficiente” (Soares, 1986, p. 20). Essa teoria postulava que o insucesso escolar dos estudantes decorria dessa “carência”, baseada no pressuposto de que a linguagem está intimamente relacionada à cognição e, portanto, se eles são carentes linguisticamente, o são também cognitivamente. Esse quadro deficitário seria

¹⁹ Para essa proposta, não há diferenciação entre norma culta e norma-padrão.

consequência do ambiente/contexto cultural em que os aprendizes se inserem acarretando a “privação linguística” como aponta a autora.

Surgem, então, propostas como a *educação compensatória* que, segundo Bernstein (apud SOARES, *ibid.*, p. 35)

implica que falte alguma coisa à família e, conseqüentemente, à criança. As crianças são, portanto, incapazes de serem beneficiadas pela escolarização. Conclui-se, então, que a escola deve ‘compensar’ o que falta à família, e as crianças são consideradas como sistemas deficientes.

Contudo, essa “compensação” não funciona, pois esses programas “acabam colocando sob a responsabilidade da educação uma série de problemas que não são especificamente educacionais, o que significa, na verdade, a persistência da crença ingênua no poder redentor da educação em relação à sociedade” (SAVIANI apud SOARES, *op. cit.*, p. 36). A proposta da educação compensatória se baseia na teoria da deficiência cultural e no suposto déficit linguístico. Soares diz que tal teoria foi postulada por diversos sociólogos e psicólogos, ainda que sem qualquer comprovação científica e sem articulação com estudos de outras áreas do conhecimento, como a (Sócio)Linguística, estabelecendo, portanto, que existem línguas/culturas e variedades mais complexas do que outras, além de propagar a crença de língua imutável.

A crença de que a variedade linguística das classes privilegiadas seja “melhor”, “superior”, “mais complexa”, “correta” é produto das sociedades divididas em classes. O prestígio social que é atribuído a essas classes é ampliado, então, para “todos os seus comportamentos, sobretudo a seu dialeto” (SOARES, *op. cit.*, p. 41). Como atesta Britto (2004, p. 147) “É uma visão de mundo preconceituosa, sectária e autoritária, a mesma que se manifesta em outros campos sociais e resulta da mesma dificuldade em aceitar a diversidade [...]”. É com os resultados das pesquisas de Labov que a relação entre linguagem, sociedade e escolarização começa a se alterar no Brasil (cf. estudos do grupo Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro; Censo da Variação Linguística (RJ); Miriam Lemle; Celso Cunha; Anthony Naro; Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul), Variação Linguística da Região Sul do Brasil (Varsul) etc)²⁰.

²⁰ LUAL - A língua usada em Alagoas (Moura, 1997); Dialectos sociais cearenses (Aragão & Soares, 1996), o projeto de estudo da confluência dialetal na nova capital brasileira (Bortoni, 1984), o grupo de estudos Discurso e Gramática (Martelotta et alii, 1996) e a recente empreitada da Gramática do português falado (Castilho, 1990), todos mais voltados para a linguagem dos grandes centros urbanos. Destacam-se também pesquisas que ocalizam dialetos rurais (Rodrigues, 1974; Jeroslow, 1974; Nina, 1980; Veado, 1982), ou comunidades específicas, como as pesqueiras do Estado do Rio de Janeiro, projeto APERJ – Altas etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro (Brandão & Vieira, 1998), ou comunidades isoladas brancas (Isensee, 1964; Callou, 1998) e comunidades isoladas negras (Ferreira, 1994; Careno, 1992; Vogt & Fry, 1997). Ampliando os estudos de comunidades isoladas negras e de áreas específicas do interior baiano, assume corpo o projeto Vestígios de

Em seus estudos sobre a aquisição do inglês *standard*, Labov (1974) elenca possíveis obstáculos à aquisição dessa variedade da língua. Dentre eles, acreditamos que uma das mais impactantes seja o “conflito de sistemas de valores”. Nas palavras do autor sobre o conflito professor-aluno (LABOV, 1974, p. 70-72),

A língua pode ser encarada como um sistema de integração de valores. [...] Embora os professores de inglês tenham sido premidos durante muitos anos para tratar o vernáculo simplesmente como “diferente” do inglês *standard*, é claro que a atitude predominante é que o vernáculo dos alunos é “mau inglês”, “incorreto”, e fala “desleixada”. Seria surpreendente se isto não ocorresse. [...] o professor freqüentemente condenará os alunos em fortes termos moralísticos pelo uso de formas de fala que ele próprio usa freqüentemente, sem ter consciência disto. [...] Na fala casual, inconscientemente usam formas que eles próprios estigmatizam na fala dos outros.

Observamos, como dito anteriormente, a tentativa e vontade dos professores de não se identificarem com a variedade dos alunos, a qual consideram imprópria, ainda que e expressem pelas mesmas formas que os estudantes. De acordo com o pesquisador, os falantes se escutam falando a variedade que consideram correta, pois negam sua identificação com aquela que é estigmatizada. Com suas pesquisas, Labov pôde refutar diversos “sentidos comuns” assim como os postulados da teoria da deficiência cultural, apontando e contestando suas contradições.

pode-se dizer que ele desmistificou a lógica que atribuía à “privação lingüística” as dificuldades de aprendizagem, na escola, das minorias étnicas socialmente desfavorecidas, dificuldades que, segundo ele, são criadas pela própria escola e pela sociedade em geral, não pelo dialeto não-padrão falado por essas minorias. (SOARES, 1986, p. 43).

Resquícios das teorias das diferenças e deficiências linguísticas e culturais que ainda circundam pela escola atribuem-lhe o papel de autossuficiência na superação das marginalidades sociais, sendo que as razões para tais marginalidades não são problematizadas. As soluções encontradas pela escola para minimizar tais problemas ocorrem apenas *dentro* do ambiente escolar, quando, na verdade, o que se dá internamente na escola é decorrência das relações externas que não são, como dito anteriormente, questionadas.

dialetos crioulos em comunidades afro-brasileiras (Baxter & Lucchesi, 1997) e emerge o projeto A língua portuguesa no semi arido baiano (Almeida & Carneiro, 1998). Perscrutando aspectos estruturais e sociais na linha do tempo, destaca-se o Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) (Mattos e Silva, 1996) e cria-se o Projeto para a história do português brasileiro (Castilho, 1998). Não podemos deixar de lembrar também as conquistas substanciais do grupo coordenado pelo saudoso Fernando Tarallo, com a sua proposição de uma Sociolinguística Paramétrica, levada à frente por um número significativo de pesquisadores, que com muito contribuiu para o conhecimento das características do português brasileiro e das mudanças em curso nessa variedade (cf., por exemplo, Tarallo, 1983; 1989; Roberts & Kato, 1993; Cerqueira, 1990; Pagotto, 1992; Nunes, 1995; Duarte, 1995; 1998; Ramos 1997;1998/2000; Cyrino, 1997; Corrêa, 1998). (PAIVA; SCHERRE, 1999, p.202-203 apud SALOMÃO, 2011, p. 194).

Propostas como a educação compensatória, embora à primeira vista parecessem combater as discriminações (sociais, culturais, linguísticas), não estavam, de fato, cumprindo esse papel, mas, como aponta Soares (1986), corroboram para a manutenção dessas discriminações assim como legitimam o falar dos estratos dominantes como único e qualificado, assim como ajudam a manter esse cenário de dominação e a solidez do sistema.

Se refletirmos sobre esse cenário a partir da perspectiva da *economia das trocas linguísticas* de Bourdieu (apud SOARES, idem, p. 58), temos que

Quando uma língua domina o mercado, é em relação a ela, tomada como norma, que se definem, ao mesmo tempo, os preços atribuídos às outras expressões e o valor das diferentes competências. A língua dos gramáticos é um artefato que, universalmente imposto pelas instâncias de coerção linguísticas, tem uma eficácia social na medida em que funciona como norma, através da qual se exerce a dominação dos grupos. Detendo os meios para impô-la como legítima, os grupos detêm, ao mesmo tempo, o monopólio dos meios para dela se apropriarem.

Assim, depreendemos que as camadas populares não detêm o *capital linguístico escolarmente rentável* e é por não possuí-lo que não conseguem obter sucesso dentro do meio escolar, enquanto as classes dominantes que o detêm conseguem ter êxito. A escola, enquanto legitimadora de uma variedade linguística em detrimento de outra, conferindo “superioridade” a um dialeto em vez de ensiná-lo e democratizá-lo, não cumpre com seu papel de democratização do *capital linguístico escolarmente rentável*, distanciando ainda mais de si mesma os estratos sociais que não o possuem (SOARES, 1986).

A escola, ao negar que os alunos provenientes das classes populares possam utilizar sua própria linguagem, nega suas identidades, nega que a escola seja acolhedora e restringe o acesso de tais classes. Aparece, portanto, a serviço dessa dominação cultural e linguística além de favorecer a segregação e o preconceito e, por isso, reproduz, dentro da instituição, as desigualdades sociais. Segundo Britto (2004, p. 154) “O que está por trás da insistência normativa são jogos político-ideológicos, são interesses de classes, interesses inconciliáveis de classes”. Como disse Carlos Alberto Faraco durante a abertura do 1º Seminário Nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa - *Português do Brasil: a construção da norma culta e as práticas de ensino*, “Por que deveria a escola ignorar a realidade e perseguir a quimera de ser, sociolinguisticamente, homogênea e esterilizada?”.

As teorias linguísticas avançaram muito no cenário brasileiro, desde sua introdução no cenário nacional e dos primeiros embates com o normativismo linguístico na década de 1970 até mais recentemente com a elaboração dos PCNs (1998). Ao longo desse tempo, novas reflexões se desenvolveram e novas concepções de língua surgiram e “contribuíram para a

construção da cidadania ao revelarem o papel da língua portuguesa na consolidação de nossa identidade brasileira” (GREGOLIN, 2007, p. 54). Contudo, ainda há muito que mudar.

A mudança de concepção de uma gramática normativa homogênea para uma heterogeneidade constitutiva da língua resultante de “usos históricos” é radical e não ocorre repentinamente. Como nos diz Gregolin (ibid., p. 78)

Ela gerou e gera resistências. Ela é determinada pelo grau de conhecimento das teorias lingüísticas que embasam os documentos oficiais [...] A tensão e a polêmica fazem parte do processo de avanço. Mesmo sabendo que há muito ainda a caminhar até que se instale, definitivamente, essa mudança no ensino de língua, aquilo que já foi feito é irreversível.

É necessário que o professor proporcione ao aluno o acesso à “cultura letrada”, sem propagar discursos puristas sobre a linguagem e, conseqüentemente, preconceitos lingüísticos. Como aponta Gregolin (2007), as mudanças relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa no ensino brasileiro são lentas, não dependem apenas das teorias lingüísticas presentes em documentos oficiais. Durante a formação do professor, é imprescindível que a Sociolingüística seja conhecida e estudada. É também importante que professores já formados tenham a possibilidade de estudar em formação continuada, a fim de sempre renovarem e atualizarem seus conhecimentos e experiências. Schilling, Costa e Raupp (2016, p. 5) argumentam que o ensino descritivo seria uma boa opção para as aulas de língua materna

Na direção de um ensino de gramática que leve o aluno a pensar, como no descritivo, e a adquirir novas habilidades lingüísticas, está o chamado ensino produtivo, que pretende “[...] ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente” (TRAVAGLIA, 2009, p. 39). Essa maneira mais eficiente vai ao encontro não de simplesmente alterar os conhecimentos que o aluno já possui, mas de “[...] aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas” (HALLIDAY; MCINTOSH; STEVENS, 1974, p. 276 *apud* TRAVAGLIA, 2009, p. 39-40).

Assim, em vez de prescrições, o ensino de língua portuguesa e gramática visaria à reflexão, ao desenvolvimento do senso crítico do aluno e de seus conhecimentos sobre a língua, em especial, sobre as variedades lingüísticas, de modo a não perpetuar preconceitos e atitudes intolerantes.

3 CORPUS: *Não seja burro!*

Nesta seção, apresentamos brevemente o primeiro vídeo da série *online Não seja burro!* e propomos uma interpretação sobre o título da mesma.

A série é composta por nove vídeos, o primeiro tendo sido lançado em 11 de janeiro de 2016 com 6 minutos e 27 segundos no canal do *YouTube* da humorista. Na data da coleta de dados desta pesquisa, 20 de agosto de 2017, este vídeo contava com 1.470.952 visualizações, 105.458 curtidas nesta rede *online* e, o último, lançado a 11 de agosto de 2017, com 4 minutos e 26 segundos, contava com 92.476 visualizações e 11.901 curtidas.

O título da série de vídeos de Marcela Tavares é peculiar. No verbo *ser*, conjugado no presente do subjuntivo, observamos a letra <a> em maiúsculo, indicando qual é a forma “correta” do verbo. Nesse caso, Tavares busca “corrigir” os indivíduos que se expressam pela forma “seje” oral ou escrita. Há que se destacar que, como dito anteriormente, os falantes que não empregam a norma-padrão da língua portuguesa, ao empregarem outra, fazem-no com extrema sistematicidade, pois não há norma sem organização.

Uma hipótese para o emprego da forma “seje” é a analogia com a flexão verbal dos verbos de 1ª conjugação no subjuntivo. Quando flexionados, esses verbos apresentam a desinência “e”, por exemplo, “que eu fale” (falar), “que eu estude” (estudar). No caso do verbo *ser*, é possível que o falante não o compreenda com essa forma quando o conjuga no subjuntivo ou no imperativo, mas como *sejar*. Assim, o verbo se tornaria regular e seguiria o paradigma dos verbos de 1ª conjugação no presente do subjuntivo do qual advêm as formas flexionadas do imperativo.

No que concerne ao conteúdo semântico da sentença de Marcela Tavares, ela é preconceituosa ao rotular o interlocutor de “burro” apenas porque ele não emprega a variedade de língua que se julga ser a mais adequada e correta. Ao intitular sua série de vídeos dessa forma e ao se propor a “ensinar corretamente a língua portuguesa”, Tavares admite-se detentora de um conhecimento que o interlocutor supostamente não tem e, “aconselhando-o” a não ser “burro”, convida-o a assistir sua série de vídeos, para que “aprenda a falar e a escrever corretamente”. Sua série de vídeos permitiria, portanto, uma transformação do estado do falante, que passaria de “burro” a “não burro”.

4 METODOLOGIA

Transcrevemos o vídeo de acordo com a proposta do projeto NURC, conforme Koch (1992, p. 73), e o analisamos qualitativamente em seus aspectos verbais.

Tabela 1 - Normas para transcrição. **Fonte:** Castilho e Preti (1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes²¹.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO		
OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO ²²
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Trancamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	: : podendo aumentar para: : : : ou mais	Ao emprestarem os... éh: : : ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leituras de textos, durante a gravação	” ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: tá? Você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados

²¹ Extraídos de Castilho & Preti (1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10 apud Koch (1992, p. 73).

²² Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF, 331 D2 e 153 D2 apud Koch (1992, p. 73).

4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh: : : ... (*alongamento e pausa*)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Inserimos também algumas normas de criação própria para transcrição do vídeo:

Tabela 2 - Normas para transcrição - Fonte: Elaboração própria

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO		
<i>OCORRÊNCIA</i>	<i>SINAIS</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>
Discurso sobre aceitação social e sucesso escolar: defende o purismo argumentando sobre aceitação social e bom desempenho escolar	<u>sublinhado</u>	 você acha que é maneiro falar... escrever errado? <u>cê acha que você vai ter amigos? você acha que você vai conseguir conquistar o mundo falando errado?</u>
O que está escrito na lousa atrás da humorista	<escrito>	PARE DE PEDIR UMA GRAMA... É UM GRAMA... <UM grama>
Discurso purista	negrito	mas o correto é sempre usar menos... menos é um advérbio e não sofre alteração de gêneros

Recortamos trechos em que observamos a ocorrência de preconceito linguístico e intolerância no discurso de Marcela Tavares e analisamos como a humorista aborda a noção de erro e como argumenta para legitimar as “correções” que apresenta. Em nossa discussão, apresentamos hipóteses e análises sobre os fenômenos da língua que Tavares condena, de modo a demonstrarmos que a variação linguística não é caótica e irrefletida como a comediante postula.

Organizamos os trechos em quadro, indicando em que tempo do vídeo estão localizados. Também classificamos os trechos selecionados de acordo com a tabela 2 apresenta acima.

5 ANÁLISE

Nesta seção, analisamos trechos do primeiro vídeo da série *Não seja burro!* de Marcela Tavares a fim de averiguarmos o discurso purista sobre a linguagem presente em seu discurso.

Este capítulo analítico é dividido em três partes: uma em que são analisados aspectos relativos à variação linguística, outra relativa a questões ortográficas e a última relacionada ao preconceito e à intolerância culturais e linguísticos em relação ao *funk*.

5.1 A não aceitação da diferença: condenando a variação linguística

Trecho 1 - Tempo: 0'14''

em pleno século vinte e um... ainda tem gente que escreve e fala errado... que eu não consiga... eu não admito isso... tá? eu não admito... porque se você é uma pessoa mais velha... num teve oportunidade de estudar... a gente compreende LEVEMENTE... agora se você é uma criança que num faz nada da vida... fica lá na escola ao invés de prestar atenção no que a tua professora tá falando... tá lá... no *whatsapp*... trincado no *facebook*... tu merece um ((gesticula um tapa no ar)) ... num pode bater em criança.

Quadro 1 - Trecho 1 - Tempo: 0'14''. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

De acordo com Tavares, é inconcebível que no século XXI as pessoas não “saibam falar e escrever corretamente”. A partir de sua fala depreendemos que ela espera que, na era da *modernidade*, “todas as pessoas já tenham percebido que existe uma forma correta de falar” e que se expressem por meio dela.

Tavares diz que as pessoas mais velhas não tiveram tantas oportunidades de estudar e que, por isso, seus “erros” são *levemente* compreensíveis. Depreendemos que, para ela, ao contrário dos mais velhos, todos os jovens têm oportunidades de estudo e que se “erram” não devem ser desculpados, uma vez que têm acesso à escola e, portanto, têm a obrigação de reproduzir exatamente o que a instituição escolar lhes ensina. Ela também critica as redes sociais, *whatsapp* e *facebook*, contrapondo-as à escola, como se nessas redes o aprendizado não fosse possível. Além disso, acrescenta que as crianças/os alunos que não prestam atenção aos conteúdos ministrados pelo professor devem apanhar, como forma de punição por seu comportamento.

Trecho 2 - Tempo: 0'37''

você acha que é maneiro falar... escrever errado? cê acha que você vai ter amigos? você acha que você vai conseguir conquistar o mundo falando errado? é óbvio que não... então eu como sou uma pessoa muito maneira... muito generosa... muito bondosa... já garanti minha cobertura tríplice no céu ao lado de São Pedro... eu resolvi ajudar vocês A PARAR DE ESCREVER E DE FALAR ERRADO... aquelas coisas que mais irritam uma criatura no... SISTEMA SOLAR...

Quadro 2 - Trecho 2 - Tempo: 0'37". Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Tavares questiona seu interlocutor, interrogando-o se ele acredita que “falar e escrever errado é ‘maneiro’”, se acha que, falando assim, terá amigos, conquistará o mundo. Percebemos que, para ela, o falante que não se expressa pela variedade linguística de prestígio não pode *ascender socialmente, ter amigos, “ser alguém na vida”* devido à sua variedade linguística. De acordo com a humorista, para que um indivíduo seja bem-sucedido, ele deve falar “corretamente”. Ela trata a variedade linguística como *escolha* do falante, desprezando fatores sociais, econômicos e culturais.

Tavares ainda se intitula “maneira”, “generosa” e “bondosa” por *corrigir* os falantes de variedades não prestigiadas. Desse modo, ela se coloca numa posição hierarquicamente superior, autodenominando-se detentora da variedade, do *conhecimento* que outros falantes não possuem.

Ela salienta também que os “erros”, ou seja, as variedades linguísticas são irritantes para todos os falantes, como se a maioria conhecesse as variedades prestigiadas. A irritação da qual Marcel Tavares se queixa é puramente baseada em juízo de valores que não têm fundamento lógico. Eles se fundamentam em opiniões e interpretações particulares, pessoais.

Trecho 3 - Tempo: 01'11”

vamos começar a aula... agente junto e a gente separado... sabe o que que é o agente junto? o agente junto é aquele agente do do FBI... tendeu? é um agente lá de... é um agente de moda... um agente de de merda qualquer... quando você quer falar a gente nós... nós dois... a gente a galera... É SEPARADO... PELO AMOR DE DEUS... PARA DE ESCREVER A GENTE JUNTO QUE ISSO IRRITA QUALQUER PESSOA...

Quadro 3 - Trecho 3 - Tempo: 01'11". Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Tavares começa sua “aula” explicando a diferença entre as formas “agente” e “a gente”. Ao terminar a exemplificação da ocorrência da primeira forma, ela enuncia, gritando, que a forma “a gente”, no sentido de nós, escreve-se separando o “a” de “gente”. Diz ainda que aquele que escreve os elementos dessa forma juntos irrita outras pessoas, tomando-as como maioria conhecedora das regras prescritas na gramática normativa e considerando que o indivíduo que “erra” é minoria e irritante. Novamente, ao dizer que as variedades irritam “qualquer pessoa”, a humorista considera que a maioria dos falantes conhece as variedades

prestigiadas e que estes se irritam ao ver sua língua ser “deturpada”. É importante destacar que essa “irritação” caracteriza, como apontado acima, um juízo de valor, isto é, não se baseia em argumentos lógicos, é apenas uma interpretação particular a respeito dos fatos da língua e de seus significados.

Trecho 4 – Tempo: 01’33’’

mas e mais ((suspiro, revira os olhos)) mais com i tem significado de quantidade... adição... mas sem o i é uma conjunção com significado de restrição e oposição... exemplo... quanto MAIS eu assisto teus vídeos... MAIS eu gosto de você... eu queria falar igual a você... MAS: :: a minha mãe num deixa...

Quadro 4 - Trecho 4 – Tempo: 01’33’’. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse caso, Marcela Tavares condena o uso de “mais” e “mas” como equivalentes pelos falantes. É importante destacar que “mas” também é, em algumas variedades do português brasileiro, pronunciado como “mais”. Destacamos ainda que, mesmo que os falantes empreguem uma forma pela outra tanto na fala quanto na escrita, a diferença semântica permite que eles não se confundam quanto ao significado da sentença.

Quando o falante acrescenta a vogal /i/ à palavra “mas”, ele realiza uma ditongação. A ditongação ocorre por questões puramente eufônicas, sendo assim um fenômeno essencialmente fonético. Em alguns casos, a ditongação se dá devido à hipercorreção, pois o falante busca se corrigir, acreditando que, ao ditongar a pronúncia da palavra, está utilizando a forma prestigiada da mesma.

A hipercorreção está intimamente ligada a um ideal de língua, a uma “correção”, pois, ao ficar em dúvida sobre qual forma empregar, o falante opta por aquela que lhe parece “mais correta”, isto é, menos estigmatizada, a fim de não sofrer preconceito linguístico. Compreendemos, então, que a hipercorreção está ligada a questões sociolinguísticas e valorações sociais. Segundo Silva (2013, p. 3)

Mattoso Câmara (2002) define hipercorreção como “equivocação no desejo de falar bem” quando se modifica, numa tentativa de correção, o que é da norma espontânea linguística.

A *hipercorreção*, por questões sociolinguísticas, está presente na escrita de pessoas em ascensão cultural, pois esses sujeitos já têm certa noção das normas da língua, do contrário, não teriam essa intenção de “acerto”. O que ocorre é que o usuário da língua fica ansioso por evitar erros para os quais já foi alertado, e termina aplicando a regra onde ela não se faz necessária.

Há que se destacar que a hipercorreção não ocorre apenas na escrita, uma vez que a “intenção de acerto” dos falantes pode se dar nos mais diferentes contextos sociais em que se sintam coagidos a falar uma norma que, em geral, não dominam.

Silva (2013) ainda destaca que a hipercorreção é resultado da insegurança linguística que diz respeito ao que o falante atribui ao seu próprio modo de se expressar linguisticamente. Nas palavras de Silva (*idem*, p. 4)

Quando, por razões sociais diversas, consideram seu modo de falar como uma norma desprestigiada na sociedade e reconhecem outra norma de mais prestígio como modelo (CALVET, 2002) [...] esse falante tenta imitar, de forma exagerada, a norma modelo, por várias razões: “fazer crer que se domina a língua legítima ou fazer esquecer a própria origem” (CALVET, 2002, p. 77-78).

No que concerne à ditongação nas palavras analisadas, ela se dá devido à analogia com palavras que possuem o /i/. Segundo Botelho e Leite (2005, p. 7), a ditongação se caracteriza pela “transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo: bandeja > bandeija; caranguejo > carangueijo; e saudar (sa-u-dar) > saudar (sau-dar) (pronúncia mais incidente)”.

Convém destacar que, quando a ditongação se dá pela epêntese de /i/, ela geralmente acontece em contextos fonológicos que contenham sibilantes/fricativas, como em caranguejo > caranguei[ʒ]o, bandeja > bandei[ʒ]a, três > trêi/S/, mas > mai/S/.

Trecho 5 - Tempo: 02'10''

menos e menas... não importa qual seja a palavra que venha depois... mas o correto é sempre usar menos... **menos é um advérbio e não sofre alteração de gêneros... ou seja... é sempre menos... infeliz... num é menas...** eu tô menas cansada hoje... eu tô menas... menas é... -- GENTE... OLHA... se... UHN: : ... -- **se tu fala menas perto de mim... acabou a tua vida... entendeu? acabou... é psicólogo pro resto da vida...**

Quadro 5 - Trecho 5 - Tempo: 02'10''. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nessa passagem, observamos que Tavares chama de “infeliz” (enquanto sinônimo de *inconveniente*) aquele que emprega a forma “menas”. A seguir, diz que se ouvir alguém se expressar pela forma “menas”, acabará com a vida do indivíduo, expressão que se assemelha em sentido a “acabar com a raça de alguém”, isto é, agredir, ainda que verbalmente, atentar contra alguém²³. Em seu discurso há, além de preconceito, intolerância, porque Marcela Tavares assume uma postura agressiva em relação ao falante que se expressa(r) pela forma “menas”, dizendo que não toleraria conviver com um falante cuja expressão fosse essa. Assim, admite sua incapacidade de conviver com o diferente.

Trecho 6 - Tempo: 04'17''

²³ “Acabar com a raça de”. Disponível em:

<http://dicionariocriativo.com.br/expressoes/descortesia/descortesia/196-acabar-raca>. Acesso em 6 out. 2017.

cara... tipo assim... hoje fazem dois dias que a gente tá namorando... o verbo fazer quando exprime tempo... ele é impessoal... porém... contudo... entretanto... todavia... **NÃO FAZEM DOIS DIAS... Ô... IMBECIL... FAZ DOIS DIAS... FAZ... FAZ... FAZ...**

Quadro 6 - Trecho 6 - Tempo: 04'17". Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Marcela Tavares xinga seu interlocutor de imbecil, ou seja, “idiota”, “tolo”, por concordar o verbo *fazer* com “dois dias”. Ela explica que “fazer”, ao exprimir tempo, é impessoal, contudo, não há qualquer reflexão sobre o porquê de os falantes o tomarem como *pessoal*, concordando com o sujeito. Assim, a humorista critica o emprego que os falantes fazem da forma *fazer* nesse tipo de sentença, temporal, rotulando-o de ignorante, como se as regras sintáticas fossem óbvias. Há que se destacar também o fenômeno da *hipercorreção*.

Como o falante conhece a regra sintática, recorrente, de que o sujeito concorda com o verbo, ele faz a concordância ao se deparar com uma sentença em que ela não se faz presente, pois, acreditando que sem ela a sentença esteja inapropriada, o falante busca “corrigir-se” de modo a não sofrer preconceito linguístico por utilizar uma forma que acredita ser a estigmatizada.

Trecho 7 - Tempo: 04'37"

MIM NÃO É SUJEITO... MIM NÃO É... *psiu*... volta aqui... volta aqui que eu tô falando com você... **mim não é sujeito... NÃO É... NÃO É... mim não faz nada... mim não pega nada... tá... vo... você não é índio... e hoje eu acho que até o índio já sabe que mim não conjuga verbo... tá? é pra eu porra... num é pra mim...**

Quadro 7 - Trecho 7 - Tempo: 04'37". Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Aqui, Marcela Tavares trata sobre a forma “mim”, pronome oblíquo que, segundo a gramática normativa, é utilizado na função de objeto. Logo após iniciar a discussão, a comedianta chama o interlocutor de volta como se ele estivesse se afastando da tela em que assiste ao vídeo. Ela diz, então, que “mim” não é sujeito, mas tampouco o classifica morfológicamente ou explica por que os falantes empregam essa forma em vez de “eu”. A seguir, diz “você não é índio”, alegando que apenas os indígenas empregam a forma “mim” ao conjugarem verbos. Diz, ainda, que, atualmente, é provável que *até mesmo* o índio saiba que “mim” não conjuga verbo, isto é, mesmo o índio, “pouco inteligente”, conhece o “jeito certo de usar a língua”. Nesse caso, além de fazer uma valoração negativa sobre essa expressão linguística, Marcela Tavares também o faz em relação a uma etnia, a um grupo social. Para ela, essa expressão é *feia*, porque é de índio. Se a fala dos índios é feia, logo eles também o são. Como aponta Britto (2004, p. 151)

o que chama a atenção [...] é o argumento utilizado para desmerecer a tal pessoa que falou *pra mim* fazer: falar assim é feio porque é fala de índio.

Não tem aqui nenhuma justificativa de por que falar como índio é falar mal, a não ser a idéia implícita de que índio é selvagem, não-civilizado, ignorante e, portanto, não sabe falar direito.

Duplo preconceito – contra uma forma normal de uso da língua no português brasileiro contemporâneo e contra uma etnia (várias para ser mais exato) e sua cultura – funcionando para sustentar a ideologia da superioridade branca.

Trecho 8 - Tempo: 05'01''

eu gostaria de informar vocês que peso é uma palavra masculina então PARE DE PEDIR UMA GRAMA... É UM GRAMA... <UM grama>

Quadro 8 - Trecho 8 - Tempo: 05'01''. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse trecho, Marcela Tavares traz explicações ainda menos coerentes do que as anteriores. Aqui, ela justifica o emprego do artigo “o” antes de grama, quando indicar peso, porque *peso* é uma palavra masculina. O emprego do artigo “o” antes de “grama” se dá porque a palavra *grama* é masculina, e não a palavra *peso*. Não faria sentido os artigos concordarem com ideias e termos *in absentia*. Há ainda que se destacar que a palavra *grama* existe tanto no feminino quanto no masculino, não ficando clara a explicação da comediante. De acordo com o dicionário online Caldas Aulete, *grama* no feminino pode ser empregada com peso²⁴.

Trecho 9 – Tempo: 05'05''

não se diz IMbigo... se diz UMBIGO... <Umbigo>

Quadro 9 - Trecho 9 – Tempo: 05'05''. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Ao “corrigir” a pronúncia de *umbigo*, Marcela Tavares apenas diz qual seria o “correto”, sem problematizar o que levaria/leva os falantes a se expressarem por outras formas. Ela diz que uma forma “não é”, logo, “não existe”, “está errada” etc. Assim, a

²⁴ **grama¹ (gra.ma)**

sf.

1. Bot. Qualquer gramínea de rizomas rastejantes, cultivada para formar *gramados*, jardins e parques ou como forrageiras.

2. O mesmo que *gramado*.

3. Bot. Denominação comum a várias gramíneas invasoras, de crescimento rápido, algumas forrageiras, outras de uso farmacológico; CAPIM-DE-BURRO

[F.: Do lat. *gramma*. Hom./Par.: *grama* (flex. de *gramar*).]

grama² (gra.ma)

sm. sf.

1. Fís. Metrol. Principal unidade de massa do sistema métrico, correspondente a um milésimo do quilograma: *Duzentos/duzentas gramas de presunto*. [Símb.: g.]

[F.:Do lat. *gramma, atos*. Hom./Par.: Ver *grama¹*.]

Gramma. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/grama>. Acesso em 6 out. 2017.

humorista novamente condena as diversas variedades do português brasileiros, tomando-as como erradas e insistindo sobre uma única forma “certa”.

Destacamos que a forma *embigo* é conhecida e dicionarizada. Segundo o dicionário Aulete Online “(em.bi.go) sm. 1. Antq. Pop. Ver umbigo”, umbigo e embigo são correspondentes. Poderíamos pensar que, devido ao fato de a sílaba tônica conter uma vogal alta, [i], o falante realiza, por assimilação, o alçamento vocálico da vogal [e] presente na primeira sílaba da palavra. Assim, temos a pronúncia [ĩ.ˈbi.gʊ].

Trecho 10 - Tempo: 05'07''

tauba é só de tiro ao Álvaro... **o correto é TÁBUA...** <Tábua>

Quadro 10 - Trecho 10 - Tempo: 05'07''. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Novamente sem problematizar as regras das variedades não prestigiadas do português brasileiro (aquelas pelas quais falantes menos escolarizados se expressam), Tavares apenas diz qual é o “certo” em relação à forma tábua/táuba: a primeira, pressupondo, assim, que exista uma forma “errada”.

Sobre as variedades populares, Camacho (2005, p. 36) diz que

Observa-se, geralmente, no senso comum a crença equivocada de que os falantes de variedades populares, como as examinadas acima, falam sem obedecer a regra alguma, o que é destituído de qualquer verdade científica. Desse modo, o que esses falantes fazem é não seguir, por desconhecimento, as regras da variedade culta escrita do português [...]

Além disso, como discutido anteriormente, todas as variedades linguísticas são sistemáticas e organizadas, não há variação sem organização. Nas palavras do autor (ibid., p. 35)

[...] a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico.

Quem se prestar a ver a organização da língua com olhar mais demorado, ficará impressionado com a natureza ordenada e estruturada de todas as variedades dela e condenaria impressões equivocadas e, às vezes, preconceituosas, como a de existência de estruturação 36 aleatória, submetida à vontade de cada falante.

Inicialmente em seu discurso, Marcela Tavares faz um trocadilho com a letra da canção “Tiro ao Álvaro”²⁵ do grupo Demônios da Garoa, dizendo que a ocorrência “táuba” apenas é permitida nessa música, vedando-a em qualquer outra ocorrência.

²⁵ “Tiro Ao Álvaro” - Demônios da Garoa. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/demonios-da-garoa/45445/>>. Acesso em 13 nov. 2017.

Nesse caso, observamos a ocorrência de um processo fonológico comum em português, a *hipértese*. Ela se caracteriza pela mudança de um segmento, vocálico ou consonantal, para outra sílaba. Como apontam Botelho e Leite (2005, p. 5): “Hipértese: É o nome dado à transposição de um fonema de uma sílaba para outra em um vocábulo: nervoso > nevroso; e bicarbonato > bicabornato”.

No caso de “tauba”, podemos observar a transposição do fonema /u/ da sílaba “bua” de “tábu” para a sílaba imediatamente anterior, “tá”. Desse modo, a palavra se reconfigura para <tau.ba>.

Trecho 11 - Tempo: 05'11”

e isso aqui que a gente tem no rosto é o que? ((indica a sobrancelha)) soBRANcelha... tira esse m” daí... <SoBRANcelha>

Quadro 11 - Trecho 11 - Tempo: 05'11”. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse trecho, Tavares indica a sobrancelha e reforça que a palavra é pronunciada “sobrancelha”, sem “m”, ou seja, ela condena a forma “sombrancelha”, muito corrente no português brasileiro atualmente. A nasalização da vogal [o] se dá devido à assimilação do traço nasal da sílaba tônica posterior [‘brã], ocorre uma analogia. É importante destacar que a nasalização se caracteriza pela transformação de um segmento vocálico oral em nasalizado.

Como apontam Botelho e Leite (ibid., p. 8),

Nasalização: É o nome dado à transformação de um fonema oral a um fonema nasal: até > inté; aipim > aimpim; igual > ingual; identidade > indentidade; ignorante > ingnorante; frenesi > frenesim (forma registrada em dicionários); idiota > indiota; e mostruário > monstruário; mortadela > mortandela.

Trecho 12 - Tempo: 05'17”

não é asterístico é ASTERISCO... <AsterisCO>

Quadro 12 - Trecho 12 - Tempo: 05'17”. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse trecho, a humorista condena o acréscimo da sílaba “ti” na palavra “asterisco”, novamente dizendo que uma forma “não é”, ou seja, “não existe”, “está incorreta”. Ela instaura, portanto, a forma “asterisco” como única correta e existente.

Observamos que, nesse caso, ocorre uma epêntese entre as sílabas <ris> e <co>. Segundo Botelho e Leite (ibid., p. 3) a epêntese se caracteriza pela

inserção de um fonema no meio da palavra. Dos casos em que ocorre epêntese, observadas em nossa língua oral, destacamos: asterisco > asterístico; lista > listra (forma registrada em dicionário); beneficência >

beneficiência; prazerosamente > prazeirosamente; e estalo > estralo (forma registrada em dicionários).

Trecho 13 - Tempo: 05'23''

para de falar o verbo com no no final... num é FAZENO... num é FALANO... num é CANTANO... É FAZENDO... FALANDO... CANTANDO...

Quadro 13 - Trecho 13 - Tempo: 05'23''. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Esse comentário de Marcela Tavares condena as formas “fazendo”, “falano” e “cantano” devido à síncope do “d” entre o “n” e o “o” do gerúndio. Sua fala assemelha-se à valoração que Coutinho (1976, p. 326 apud ARAÚJO, ARAGÃO, ALMEIDA, 2016, p. 4) faz do mesmo fenômeno “essas formas profundamente alteradas, esse vocabulário comum e rústico, essa construção viciadíssima, que caracterizam o falar do nosso roceiro”. Contudo, como bem postula Vieira (2011, p.10 apud ARAÚJO, ARAGÃO, ALMEIDA, 2016, loc. cit.), “o apagamento da oclusiva dental /d/ não pode ser considerado um vulgarismo ou marca de um falar roceiro, mas um índice da instabilidade e da heterogeneidade do sistema linguístico, condicionada por fatores sociais”.

No discurso da humorista, instaura-se, mais uma vez, a noção de certo e errado, visando à instalação de uma única forma como aceitável.

5.2 A não aceitação da diferença: condenando a ortografia não convencional

Trecho 14 - Tempo: 01'57''

com certeza junto.... quem foi o desocupado que começou a usar isso... né? porque num sei onde que com certeza é com n e junto... não... É COM ... COM CERTEZA... separado com m... <concereteza>

Quadro 14 - Trecho 14 - Tempo: 01'57''. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Ao questionar “quem foi o *desocupado*” que começou a usar “com certeza” com a forma <concereteza>, Tavares considera que essa forma surgiu devido à expressão de um único falante. Ela também diz que *não sabe onde com certeza é com “n” (<concereteza>)*. Desse modo, ela pressupõe que se não há uma regra que institui a forma “concereteza”, que se tampouco é vista em circulação, não é possível que alguém use algo que não existe. Ela taxa, portanto, o indivíduo de “desocupado” como se, não tendo nada (melhor) para fazer, decidiu inventar palavras para a língua que “ferem” a normatividade linguística.

É importante destacar que, no que concerne à ortografia, algumas inadequações a essa convenção podem causar problemas. Ainda que devido ao contexto eles possam ser

solucionados, o que diferencia palavras homófonas, por exemplo, é a escrita. Sendo assim, é necessário que se empregue, na medida do possível, a ortografia correta das palavras para que se evitem ambiguidades e/ou demais problemas de compreensão. Não se adequar a essa convenção tampouco deve ser tratado como erro e, por isso, estigmatizado. As inadequações ortográficas são tentativas de acerto e estão intimamente ligadas à escolarização e à leitura.

Como diz Marquardt e Busse (2015, p. 191): “São os meios escolares que oferecem o que a maioria dos estudantes brasileiros não dispõe em seus lares: a possibilidade da leitura, que implicará no domínio da língua escrita” e, citando Bortoni-Ricardo (2013, p. 55 apud Marquardt e Busse, op. cit.), acrescenta “O domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar, e quem sabe, para toda a vida do indivíduo”.

Desse modo, há que se levar em conta que indivíduos com baixa escolarização realizam tentativas de adequação de sua oralidade à ortografia, empregando propriamente as grafias que já conhecem e, nas que desconhecem, empregam as formas que sabem serem possíveis para o som que querem representar.

Destacamos ainda que o falante, ao juntar as palavras e optar por <n> antes da consoante <c>, seguiu a regra ortográfica de utilizar <n> antes de qualquer consoante exceto <p> e .

Trecho 15 - Tempo: 02'37''

exceção não se escreve com dois s... por que que as pessoas fazem isso então? inventa... inventa... ah eu acho que é com dois s... mas num é... não é... e olha só... coloca uma coisa na tua cabeça... e fica falando isso durante uma semana até impregnar aqui... ((bate na própria cabeça)) X... C... Ç... X... C... Ç... X... C... Ç... X... C... Ç ((voz em falsete, acelerado)) GRAVA... GRAVA... decora isso... faz uma música com isso pucê aprender a escrever exceção... <esseção>

Quadro 15 - Trecho 15 - Tempo: 02'37''. Fonte:
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Ao falar sobre a forma “esseção”, Marcela Tavares questiona o interlocutor sobre o porquê de as pessoas escreverem a palavra (exceção) com dois “s” sendo que ela não tem essa ortografia. Diz, então, que isso ocorre porque as pessoas inventam, pois, ao não terem certeza sobre como é a forma correta, escrevem-na de outro modo. Como dito anteriormente, quando o falante tem dúvidas sobre qual representação gráfica usar, elege uma das possibilidades que conhece para o som que quer representar. Nas palavras de Marquardt e Busse (loc. cit.) “Os erros ortográficos, [...], não demonstram que o aprendiz deixou de se apropriar do sistema de compreensão da escrita, porém, que está elegendando possibilidades de uso da língua”.

Marcela Tavares se queixa de inadequações ortográficas que se encaixam na classificação de Nobile e Barrera (2009, p. 41 – grifos das autoras) como de *concorrência*:

há palavras cuja escolha da letra apropriada para representar certo fonema depende não de aspectos fonológicos, mas da etimologia ou de aspectos morfológicos. Encontram-se nessa categoria o uso de *s* ou *z* entre vogais, o uso de *ss* ou *ç* diante de *a*, *o* e *u*, o uso de *g* ou *j* diante de *e* e *i*, o uso de *x* ou *ch* em várias palavras.

Trecho 16 - Tempo: 03'01''

amiga... amiga... para com isso porque num tem nada a ver nós dois... a gente só deu um beijinho nada a ver... **nada a ver tu colocar o verbo “haver” aí nesse babado sendo que num tem nada a ver com isso... NADA A VER... é a mesma coisa do que... não ter relação com... num tem nada com verbo... TIRA ISSO DAÍ... Aurélio fica puto quando lê isso aí...**

Quadro 16 - Trecho 16 - Tempo: 03'01''. Fonte:
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Ao tratar sobre o emprego do verbo “haver”, Marcela Tavares diz que é “nada a ver”, ou seja, sem sentido, empregar a forma “haver” no sentido de *uma coisa não ter relação com outra*, como se a confusão do falante não tivesse sentido, desconsiderando que ambas as formas têm a mesma expressão sonora. Diz ainda que “Aurélio”, o dicionário e seu criador, irritam-se com essa confusão, colocando-os como preservadores do “correto”. Assim, atribui a eles seu próprio pensamento, como se concordassem com o que está dizendo em relação a essa “correção”.

É importante destacar que a pronúncia de “nada haver” e “nada a ver” é exatamente a mesma, o que as difere é a escrita. Sendo assim, como dito anteriormente, o falante opta pela possibilidade gráfica que mais lhe parece coerente, já que as duas formas existem na língua. Para este caso, podemos pensar em duas hipóteses para a grafia “haver” em vez de “a ver”. A primeira diz respeito ao esvaziamento de sentido do verbo “haver” para o falante, pois esse verbo é pouquíssimo utilizado em português brasileiro. No lugar dele, os falantes preferem *ter* ou *existir*. Assim, ao transpor a sequência /a'veR/ para a escrita, o falante, conhecendo as duas possibilidades gráficas, mas não atribuindo sentido para *haver*, opta pela que mais lhe parece adequada.

A segunda hipótese diz respeito à hipercorreção. Nesse caso, o falante conheceria o sentido de *haver*, mas, na tentativa de usar uma variedade linguística que considera prestigiada, ele optaria pela forma que lhe parecesse mais formal. Assim, registraria “nada haver” buscando demonstrar conhecimento sobre a língua.

Trecho 17 - Tempo: 03'22''

eu gostaria sinceramente hoje de entender a cabeça de um ser humano que escreve de repente junto... me fala qual o seu problema... o que que passa na tua cabeça pra você escrever de repente junto? DE REPENTE É SEPARADO... DE REPENTE É SEPARADO... DE REPENTE É SEPARADO... RÁ... <Derepente>

Quadro 17 - Trecho 17 - Tempo 03'22". **Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse trecho, Tavares questiona as capacidades cognitivas dos indivíduos que se expressam, pelo registro gráfico, com a forma “derepente”. Ela institui, novamente, a ideia de que o não emprego da ortografia correta é descabido, sem sentido. Ainda questiona diretamente o interlocutor que emprega tal forma, dizendo-lhe que não consegue entender “seu problema”, como se ele tivesse um. Ao dizer que não sabe o que se passa “na tua cabeça”, a humorista qualifica o interlocutor como confuso mentalmente, sem reflexão crítica.

De acordo com Nobile e Barrera (2009, p. 42), essa inadequação ortográfica se dá pela “segmentação não convencional das palavras [...] esses erros são observados em duas categorias, podendo ser resultantes de ausência de segmentação (‘aonça’, ‘tipego’), ou de segmentação indevida (‘a migo’, ‘a alegre’)”. Uma vez que a cadência sonora é um contínuo que não é equivalente à segmentação ortográfica e que, ao contrário do registro escrito que possui espaços em branco para marcar segmentações, a fala deve ser pensada em termos de prosódia, o falante pode ter dúvidas quanto à sua transposição para a escrita.

Assim, em “derepente”, o falante não realiza a segmentação das palavras “de” e “repente”, compreendendo-as como uma única palavra.

Trecho 18 - Tempo: 03'42”

agora chegamos à campeã... a palavra que é mais escrita errada por essas pessoas maravilhosas desse Brasil... ANSIOSO... ansioso não se escreve com c de cavalo... sua anta... ansioso é com s... cola ... faz uma tatuagem assim de caneta ó ((escreve no braço)) S... S... ANSIOSO... S...S... ((mostra o braço onde escreveu a letra s com caneta de quadro branco)) e fica olhando assim o dia inteiro. S... S... <Ancioso>

Quadro 18 - Trecho 18 - Tempo: 03'42". **Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Tratando da grafia de *ansioso*, Tavares diz que essa é a palavra “mais escrita errada” pelos brasileiros. Não há qualquer reflexão de sua parte sobre a questão do fonema /s/ poder ser representado de diversas formas, dentre elas, “s” e “c”. Ela também xinga o interlocutor de “anta” que, na linguagem corrente quer dizer “burro”, “estúpido”, “indivíduo pouco inteligente”. Então, instrui os falantes a escreverem a palavra no braço e a olharem para ela o dia todo a fim de *decorarem a grafia correta*.

Nesse caso, temos a mesma ocorrência observada em “esseção”: devido às diversas possibilidades de grafia do som [s] em português (nove, exatamente), o falante opta por aquela que julga ser a mais adequada. Ele realiza, portanto, uma tentativa de acerto.

Trecho 19 - Tempo: 04'02''

hoje eu estou de mau humor... é só inverter... hoje eu estou de bom humor... Logo... esse mau é com u... **cadê... cadê a dificuldade? cadê o mistério aí? me fala...** ((lousa cai; fala à parte)) quebrou... Ximba... o quadro. <Mau-BOM Mal-BEM>

Quadro 19 - Trecho 19 - Tempo: 04'02''. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse trecho, ao comparar as formas *mal* e *mau*, novamente Marcela Tavares não discute que as terminações em “l” ou “u”, em português, são pronunciadas, na esmagadora maioria das vezes, da mesma forma. Sua “dica” para saber qual grafia utilizar é pensar nos antônimos, *bem* e *bom*, respectivamente. Ao dizer isso, questiona-se sobre “qual a dificuldade” de entender essa relação, aparentemente simples. Rotula, novamente, os indivíduos de “burros”, “pouco inteligentes”.

Destacamos que as pronúncias de “mau” e “mal” são idênticas na maioria das variedades linguísticas brasileiras, são palavras homófonas nesses casos. A confusão na escrita se dá justamente pela semelhança dos pares “mal-bem”, “mau-bom”. Novamente, na dúvida de qual letra empregar, o falante seleciona a que considera correta, numa tentativa de acerto da ortografia.

5.3 A não aceitação da diferença: condenando a cultura do *funk*

Trecho 20 - Tempo: 05'45''

mas agora com as redes sociais também as pessoas usam muita gíria... muita abreviação... o que eu num acho errado... não... só que na hora da prova você vai se lascar porque você num pode fazer isso... então tu tem que saber escrever certo... e tu...pelo amor de Deus... coloca plural em tudo... coloca... às vezes tu fala de sacanagem igual eu tô fazendo aqui agora... mas é feio... num colocar plural é feio a num ser que você queira ser um cantor de *funk*... aí tá liberado num saber plural...

Quadro 20 - Trecho 20 - Tempo: 05'45''. **Fonte:**
<https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=101s>.

Nesse último trecho, Marcela Tavares instaura diversas valorações em seu discurso. Inicialmente, diz que não condena o uso de gírias e abreviações, desde que usados nas *redes sociais*. De acordo com ela, usar essas formas em provas é sinônimo de fracasso, seu uso em

exames está interdito, porque são formas *erradas*. Instaure, portanto, que as *redes sociais* são o lugar da “língua incorreta”, dos “erros”.

Ao dizer “tu tem que saber escrever certo!”, percebemos que a humorista considera gírias e abreviações como erros, além de considerar, novamente, que existem erros e acertos no que diz respeito à expressão linguística. Ela diz também ao interlocutor que ele tem como *obrigação* saber escrever *certo*, impondo-lhe, portanto, a responsabilidade de expressar-se segundo uma variedade de língua que ela julga correta, única e adequada.

A seguir, a humorista critica a variedade linguística que não emprega plural em todas as formas morfológicas de uma sentença que concordam entre si, chamando-a de *feia*. Ela ainda diz que o interlocutor, ao “não colocar plural em tudo” o faz de “sacanagem”, como se fosse intencional a não concordância. Acrescenta que ela mesma o está fazendo em seu vídeo, sem seriedade, como brincadeira, mas que é necessário que se evite essa forma de expressão.

Para reforçar seu argumento, a comedianta repete que “não usar plural” é *feio* e, então, abre uma exceção para os falantes: “não saber plural” só está permitido aos cantores de funk, ou seja, “ser ignorante” só cabe aos funkeiros. Observamos que, além de instaurar preconceito e intolerância linguísticos, ela também condena a cultura do funk. Ao ter feito uma valoração negativa do não emprego do plural e associá-lo ao funk, a humorista atribui também a esse gênero musical e a essa cultura a característica da feiura, desprezando, assim, língua e expressão cultural.

Marcela Tavares condena tanto fala quanto escrita. É importante ressaltar que a marcação de plural em português é redundante. Como aponta Camacho (2005, p. 36)

o que esses falantes [da variedade popular] fazem é não seguir, por desconhecimento, as regras da variedade culta escrita do português, segundo as quais a marcação de plural deve ser redundantemente marcada em todos os constituintes de uma locução nominal, como o que se vê em *umas três horas, as casas amarelas* etc., procedimento sintático chamado de **regra de concordância nominal**.

Acreditamos ser pertinente trazer as palavras de Bagno (1997, p. 50-51) sobre a redundância na marcação de plural. Em seu livro *A língua de Eulália*, didaticamente, a personagem Irene explica a suas “alunas” sobre essa questão gramatical (grifos do autor):

— A diferença é a *redundância* — responde Irene. — No português-padrão existe aquilo que se chama *marcas redundantes de plural*.

— “Redundante” não quer dizer “repetitivo”, “que é demais”, “que está sobrando”? — pergunta Sílvia.

— Isso mesmo. Na nossa norma-padrão de português, para indicar que estamos falando de mais de uma coisa, acrescentamos “marcas de plural” em muitas palavras da frase. Vejam só...

E Irene escreve na lousa estas duas frases:

- Quero te dar a linda flor amarela que brotou no meu jardim.

- Quero te dar as lindas flores amarelas que brotaram no meu jardim.

Depois volta a falar:

— Para informar que se trata de mais de uma flor, o PP precisa de *cinco* marcas de plural, que modificam várias classes de palavras: artigo, substantivo, adjetivo, verbo... É o que a gente aprende e ensina na escola com o nome de *concordância de número*. Essa quantidade de marcas de plural é, do ponto de vista lógico, uma redundância desnecessária e, do ponto de vista econômico, um gasto excessivo, não concordam?

Marcela Tavares nega a variedade linguística dos funkeiros e, conseqüentemente, sua cultura, sua identidade, uma vez que elas são indissociáveis. Segundo Carmen Guillén Días (2008, p. 838 apud SOAREZ, 2013, s. p.), “Língua e cultura se apresentam a nós como um todo indissociável, porque a todo fato de língua subjaz um fato de cultura e porque todo fato de língua se estrutura em função de uma dimensão cultural”. Destacamos ainda as palavras da professora Mariza Riva de Almeida na palestra de abertura da 1ª Feira de Etnias (RS) “Língua e cultura são coisas indissociáveis [...] A escola costuma trabalhar a língua como código neutro, sem pensar no contexto em que os fatos acontecem”.

No que concerne ao funk, é importante salientar os julgamentos que circundam esse gênero musical: não é considerado música, suas letras são consideradas simples e pobres, seus cantores são rotulados de desafinados. O gênero também é associado à violência e à criminalidade, além de ser considerado “deturpador” da moral (FACINA, 2009). Mas o que leva o funk, um dos maiores fenômenos de massa do Brasil, a ser tão estigmatizado em nossa sociedade?

O funk teve origem nos subúrbios do Rio de Janeiro na década de 1970 com grandes influências da cultura negra norte-americana e afro-brasileira, os bailes funk constituíam uma das principais formas de entretenimento dos jovens pobres da cidade (HERSCHMANN, 2005). Desde sempre considerado marginal por grande da mídia e de determinadas camadas sociais (FACIRA, 2009, s. p.), “o funk está distante de ser um movimento cultural aceito e respeitado, sobretudo pelo poder público”, aponta a autora. Segundo ela, devido à atual criminalização da pobreza e, conseqüentemente, do funk, uma vez que esse gênero musical está intimamente ligado à periferia, legitima-se “o extermínio de toda uma geração, num genocídio invisível e silencioso, tramado nas teias da opressão de classe, demonstrando que a cultura é hoje uma arena central dos embates sociais”, pois se alimenta o medo, “a perseguição cultural e política ao funk e aos funkeiros”. Sobre a criminalização da pobreza, a autora diz que

criminalizar a pobreza requer que se convença a sociedade como um todo que o pobre é ameaça, revivendo o mito das classes perigosas que

caracterizou os primórdios do capitalismo. E isso envolve não somente legitimar o envio de caveirões para deixar corpos no chão nas favelas, mas também criminalizar seus modos de vida, seus valores, sua cultura. O funk está no centro desse processo.

Destacamos a explicação de Herschmann (2005, p. 51-52) sobre essa imagem “perigosa” e “violenta” do funk

Pode-se afirmar que o funk, na medida em que alcançou destaque inusitado no cenário midiático, foi imediatamente identificado como atividade criminosa, uma atividade de gangue, que teve nos arrastões e na ‘biografia suspeita’ dos seus integrantes a ‘contraprova’ que confirmaria este tipo de acusação. [...] Os seus integrantes [desse grupo social] são personagens típicos das áreas grandes carentes da Cidade, espaços que compõem o cenário tradicionalmente identificado com a criminalidade e com a violência e, sendo assim, é muito comum que a mídia acabe produzindo uma imagem monolítica desse cenário, no qual todos os personagens aparecem mais ou menos envolvidos com a criminalidade.

Estigmatizados, “os sujeitos que carregam a identidade funkeira percebem com mais preocupação o indicativo de que a identidade assumida não é ‘bem vista’, [...], ela é vista de forma negativa a qual gera a atitudes de negação e busca de distanciamentos” (MENDONÇA, V.C., 2011, p. 10).

Os grupos sociais que possuem estigma são desprezados, pois aqueles que compreendem os “não estigmatizados” não querem se parecer com quem tem pouco valor social. Assim, para que não sejam “influenciadas” por esses valores e características, as camadas mais favorecidas excluem os grupos menos favorecidos socialmente, negando sua identidade, sua cultura, seus valores.

Segundo Mendonça (ibid., p. 12), as representações que os estratos sociais mais favorecidos constroem sobre os bailes funk e os funkeiros “associam a pobreza à violência e o comportamento dos funkeiros [...] a comportamentos, gostos e valores ‘típicos de pobres’ os quais seriam responsáveis por um processo dialético que reproduz a própria pobreza, já que não seriam os adequados para quem quer ‘vencer na vida’”. Destacamos ainda as palavras de Amaral e Nazário (2017, p. 52),

A repulsa às expressões culturais inferiorizadas compõe a nota repetida do preconceito violentamente naturalizado na sociedade brasileira [...] os segmentos étnico-culturais das classes ditas subalternas, disseminados nas camadas periféricas da sociedade brasileira, numa clara linha de permanência, têm sido sempre sujeitos de processos de marginalização e criminalização.

Por fim, trazemos as reflexões de Vera Malaguti Batista: “Na história brasileira, as estratégias de sobrevivência, de lazer, a arte de curar, as religiões e as manifestações culturais

de matrizes africanas foram sempre criminalizadas: do samba ao funk” (BATISTA, 2011, p. 76-7 apud AMARAL e NAZÁRIO, 2017, p. 52).

Após todas essas discussões, podemos concluir que, no que diz respeito aos comentários de Marcela Tavares sobre a marcação de plural e o funk, a humorista nega não só a variedade linguística desse grupo social (e de tantos outros que tampouco se expressam pela concordância redundante), mas seus valores, comportamentos, sua expressão cultural e, portanto, sua identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs, a partir da Sociolinguística, analisar o primeiro vídeo da série *Não seja burro!*, da humorista Marcela Tavares, veiculado no *YouTube* pela primeira vez em 11 de janeiro de 2016, a fim de discutirmos o preconceito linguístico presente no discurso da personagem criada pela comedianta. Buscamos trazer discussões teóricas acerca do tema de modo a bem embasarmos nossa pesquisa. Pudemos, assim, chegar a algumas conclusões: o purismo presente no discurso de Marcela Tavares é reproduzido também na escola, rotulando os alunos de incapazes e responsáveis por seu fracasso escolar. Observamos também que a humorista fala baseando-se em sentidos comuns sobre a língua, sem demonstrar qualquer conhecimento sobre teorias sociolinguísticas. Destacamos também que a comedianta é preconceituosa e intolerante ao longo de seu vídeo, reforçando desigualdades sociais.

A personagem criada por Marcela Tavares alega que as variedades linguísticas e as inadequações ortográficas são “erros”, além de rotular os sujeitos como “burros”, “infelizes”, “imbecis”, “desocupados”, “antas”, desqualificando-os e tomando-os como pouco inteligentes. Contudo, como demonstrado ao longo desta pesquisa, as variações linguísticas e as inadequações ortográficas são resultados de profundas reflexões sobre os processos da linguagem, elas mostram os sujeitos refletindo sobre a língua. Assim, os xingamentos empregados pela humorista mostram-se completamente infundados, fruto da falta de reflexão crítica sobre o assunto. São, portanto, meras opiniões preconceituosas e intolerantes que reproduzem as desigualdades sociais que, no caso de Marcela Tavares, servem apenas para lhe garantir mais *likes* nas redes sociais. *Likes* que são obtidos à custa da ridicularização de indivíduos estigmatizados, desprivilegiados e oprimidos. Tirar sarro desses sujeitos não é engraçado, é preconceito. Preconceito linguístico e social. E preconceito é crime.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013, volume 1.

AMARAL, A. J.; NAZÁRIO, A. L. T. Cultura e criminalização: um estudo de caso sobre o funk na cidade de Porto Alegre. **Revista de Direito da Cidade**, v. 9, nº 1, p. 50-77, 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/25590/19533>>. Acesso em 18 nov. 2017.

ANALFABETISMO ainda atinge 27% dos brasileiros e desafios são grandes. **G1**, 15 fev. 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/02/analfabetismo-ainda-atinge-27-dos-brasileiros-e-desafios-sao-grandes.html>>. Acesso em 31 dez. 2017.

ANDRADE, O. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, vol. 6 e 7.

ARAÚJO, A. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. A redução do gerúndio no atlas linguístico do Pará: uma abordagem variacionista. **Caderno Seminal Digital**, v. 1, nº 26, ano 22, jul-dez/2016.

BAGNO, M. **A Língua de Eulália**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BELINE, R. **A variação linguística**. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 121-140.

BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. **Metaplasmos contemporâneos: um estudo sobre as atuais transformações da língua portuguesa**. In: Anais do II CLUERJ-SG. Rio de Janeiro: Botelho Editora ME, v. único, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabelleinsleite.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2017.

BRITTO, L. P. L. Língua e ideologia – A reprodução do preconceito. In: BAGNO, M. (org.) **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 135-154.

CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas (reedição). In: Universidade Estadual Paulista. (Org.). **Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 3, p. 34-49, 2011.

CASTRO, M. H. G. Avaliação do sistema educacional brasileiro: tendências e perspectivas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 20, p. 303- 364, jul./set. 1998.

CENSO Escolar: 3 milhões de alunos entre 4 e 17 anos estão fora da escola. **Agência Brasil**, 27 mar. 2016. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/censo-escolar-3-milhoes-de-alunos-entre-4-e-17-anos-estao-fora-da-escola>>. Acesso em 9 ago. 2017.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. **Variação linguística e ensino de gramática**. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, nº 1, jan./jun. 2009.

EVASÃO escolar no ensino médio alcança 11% do total de alunos, apontam dados do Censo. Percentual é maior no primeiro ano do ensino médio (12,7%). Entre os estados, o Pará tem a maior taxa de abandono, com 16%. **G1**, 22 jun. 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/abandono-no-ensino-medio-alcanca-11-do-total-de-alunos-apontam-dados-do-censo-escolar.ghtml>>. Acesso em 9 ago. 2017.

FACINA, A. “**Não me bate doutor**”: funk e criminalização da pobreza. In: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: ENECULT, 2009.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GREGOLIN, M. R. F. V. O que quer, o que pode esta língua? Teorias linguísticas, ensino de língua e relevância social. In: FARACO, C.A. et al. **A relevância social da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 51-78.

GUIMARÃES, L. Só 14% dos adultos no Brasil tinham ensino superior em 2015, nota OCDE. **Econômico Valor**, 15 set. 2016. Disponível em <<http://www.valor.com.br/brasil/4710581/so-14-dos-adultos-no-brasil-tinham-ensino-superior-em-2015-nota-ocde>>. Acesso em 4 jul. 2017.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2015**: 3 milhões de alunos entre 4 e 17 anos estão fora da escola. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/censo-escolar-3-milhoes-de-alunos-entre-4-e-17-anos-estao-fora-da-escola>>. Acesso em 9 ago 2017.

_____. **Censo Escolar da Educação Básica 2016**: Notas Estatísticas. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em 9 ago. 2017.

_____. **Mapa do analfabetismo no Brasil**. Acesso em 31 dez. 2017. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Acesso em 9 ago. 2017.

JUNQUEIRA, M. E. B.; SOUZA, A. B.; SILVA, G; D.; SILVA, L. F.; ALMEIDA, V. A. S. **O preconceito linguístico na mídia televisiva**. Cadernos do CNLF - Anais do XVI CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XVI, nº 04, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/212.pdf>. Acesso em 3 set. 2017.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (org.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-92, 1982.

_____. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 49-86, 1974.

LABOV, W.; HERZOG, M.; WEINREICH, U. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LÍNGUA e cultura são indissociáveis, diz ex-diretora do Celin da UFPR. **Universia Brasil**, 17 set. 2009. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2009/09/17/415817/lingua-e-cultura-so-indissociaveis-diz-ex-diretora-do-celin-da-ufpr.html>>. Acesso em 15 nov. 2017.

MARCOS Bagno: a língua como instrumento de poder. Entrevista para a 9ª Bienal da UNE. UNE, nov. 2014. Disponível em <<https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>>. Acesso em 04 mar. 2017.

MARQUARDT, V. C.; BUSSE, Sanimar. **Um estudo dos erros ortográficos em produções escritas de alunos do 9º ano do ensino fundamental**. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jun. 2015.

MENDONÇA, M. C. **A luta pelo direito de dizer a língua**: a lingüística e o purismo lingüístico na passagem do século XX para o século XXI. 2006. 249 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MENDONÇA, V. C. **A identidade funkeira e a luta contra a incriminação e discriminação da juventude pobre a partir do funk**. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFES), Vitória, v.1, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1495/1089>>. Acesso em 18 nov. 2017.

NÃO SeJA Burro!. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2016. (6 min. 27 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo&t=104s>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NOBILE, G. G.; BARRERA, S. D. Análise de erros ortográficos em alunos do ensino público fundamental que apresentam dificuldades na escrita. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 36-55, ago. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a04.pdf>> Acesso em 13 nov. 2017.

PORTUGUÊS do Brasil: a construção da norma culta e as práticas de ensino - Carlos Faraco. Abertura do 1º Seminário Nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa. 1h04'43'' Disponível em: < <https://www.YouTube.com/watch?v=CUKfzAeGNrE> >. Acesso em março de 2017.

TONELI, N. C. **Convenções ortográficas**. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/convencoes-ortograficas>>. Acesso em 18 mai. 2017.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectiva da Sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

SCHILLING, A. K.; COSTA, L. S. L.; RAUPP, L. M. W. O papel da gramática nas aulas de Língua Portuguesa: resultados de um breve inquérito. In: Anais Seminário Internacional de Educação, III Seminário Nacional de Educação e I Seminário PIBID/FACCAT. Taquara: Faccat, 2016. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/O%20PAPEL%20DA%20GRAMATICA%20NAS%20AULAS%20DE%20LP.pdf>>. Acesso em 3 set. 2017.

SILVA, D. M. S. C. **Hipercorreção e o imaginário de “correção” de língua**. Anais do SILEL, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-9, 2013.

SILVA, E. G.; LIMA, A. A. Língua padrão, mídia e preconceito linguístico. In: Anais do X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, Universidade Federal do Acre, Acre, nº 1, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/view/949/540>>. Acesso em 3 set. 2017.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Fundamentos, 1986.

SOAREZ, A. C. A. M. A relação entre língua e cultura no ensino de Língua Espanhola: uma reflexão sobre expressões de cortesia em situações comunicativas. **Revista Desempenho: Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada**, Brasília, nº 19, 2013. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/16383/11663>>. Acesso em 18 nov. 2017.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BIBIANO, B. Unesco: 38% dos analfabetos latino-americanos são brasileiros: País "caminha lentamente" rumo à solução do problema, aponta relatório. **Veja Abril**, 29 jan. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/educacao/unesco-38-dos-analfabetos-latino-americanos-sao-brasileiros/>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

COSTA, M. M.; KLIX, T. Uso de linguagem popular na sala de aula é orientação do MEC. **iG São Paulo**, 19 mai. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/uso-de-linguagem-popular-na-sala-de-aula-e-orientacao-do-mec/n1596963937866.html>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FARACO, C. A. **Bakhtin e sua Filosofia da Linguagem**. [2006]. Entrevistadora: Suyanne Tolentino de Souza. Paraná: Nós da Educação, 2006. Vídeo *online* (17'27"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IJMByQS0oQc>>. Acesso em março de 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FUENTES, A. Brasil é o 8º país com mais adultos analfabetos do mundo. **Veja Abril**, 12 fev. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/brasil-e-o-8-pais-com-mais-adultos-analfabetos-do-mundo/>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

GOULART, N. **As lições do livro que desensina**, 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/educacao/as-licoes-do-livro-que-desensina/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

GREGOLIN, M. R. F. V. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, R.; RAJAGOPALAN, K. **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas: Pontes, 2016.

HENRIQUE, K. S. **Variação linguística e processamento: investigando o papel da distância entre sujeito e verbo na realização da concordância verbal variável no PB**, 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1701/1/kessiadasilvahenrique.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2017.

LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, p.177-199, 1981.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIVRO adotado pelo MEC defende falar errado. **Estadão**, 12 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,livro-adotado-pelo-mec-defende-falar-errado,718471>>. Acesso em: 04 set. 2017.

MAINGUENEAU, D. **Análise de texto de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2000.

MEC defende uso de livro didático com linguagem popular. **iG Brasília**, 12 mai. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/mec-defende-uso-de-livro-didatico-com-linguagem-popular/n1596949085987.html>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

MELLO, Y. A. Construção de identidades e subjetividades em vídeos amadores no *YouTube*: “sujeito-comentário”. **Entrepalavras**. Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 86-101, jul./dez. 2015.

_____. O funcionamento discursivo do espetáculo nas mídias. Revista **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 14, p. 231-244, 2015.

_____. Práticas discursivas e identitárias no *YouTube*: o artista amador. Revista **Mosaico**: literatura, linguística e educação, do IBILCE Unesp São José do Rio Preto. volume 13, N. 1, p. 271 – 284, 2014.

NÃO SeJA Burro! #2. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2016. (6 min.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gTzByKSsmt0&t=10s>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NÃO SeJA Burro! #3. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2016. (4 min. 48 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qa4FUJPEk0M&t=21s>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NÃO SeJA Burro! #4. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2016. (5 min. 30 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JDVHQLQfHeM&t=2s>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NÃO SeJA Burro! #5. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2017. (4 min. 31 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZuT7QeePO78&t=26s>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NÃO SeJA Burro! #6. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2017. (5 min. 42 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iIH8jyRQNRE&t=8s>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NÃO SeJA Burro! #7. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2017. (3 min. 30 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ps35oMR7AP0&t=2s>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

NÃO SeJA Burro! #8. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2017. (4 min. 42 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kw0u1SOqcvU&t=2s>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

NÃO SeJA Burro! #9. Realização de Marcela Tavares. Intérpretes: Marcela Tavares. S. l.: Marcela Tavares, 2017. (4 min. 26 seg.), son., color. Série Não SeJA Burro!. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aF4qqJneOJ8>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

NOBRE, W. C. A. Bidialetalismo funcional e o ensino de português: a necessidade de um ajuste normativo. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 2, v. 2, n. 2, p. 68-83, ago./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/35/150>>. Acesso em 15 nov. 2017.

NOGUEIRA, S. Dicas para evitar erros de português frequentes: Há muitos equívocos frequentes na língua portuguesa, mas inadmissíveis. Saiba como evitá-los. **G1**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/dicas-para-evitar-erros-de-portugues-frequentes.html>>. Acesso em: 04 set. 2017.

ONDE se fala português mais correctamente?: A questão será sempre difícil de responder. Há quem fale em Coimbra e Lisboa. Mas será mesmo assim? E no Brasil, onde se fala português mais correctamente?. **Vortex Mag**, [S. l.], 17 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.vortexmag.net/onde-se-fala-portugues-mais-correctamente/>>. Acesso em: 04 set. 2017.

PEREIRA, E. F. **Língua escrita: errando também se aprende ortografia**. 2009. (Monografia para especialização em Letras) - Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

PORTUGUÊS do Brasil: a construção da norma culta e as práticas de ensino - Carlos Faraco. Curitiba: UFPR, 2012. (64 min. 43 seg.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CUKfzAeGNrE>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. **Humores da Língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado das Letras, 1988.

_____. Limites do humor. **Letras**. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. Santa Maria, nº 26, p. 103-110, 2003.

_____. **Mal Comportadas Línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2000.

_____. O humor e a língua. **Ciência hoje**. Rio de Janeiro, vol. 30, nº 176, p. 72-74, out./2001.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas, SP: Editorial Livro pleno, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Transcrição do vídeo

olá Brasil... olá Aurélio... olá... Girafales... tudo bom com vocês? eu sou Marcela Tavares e hoje a gente vai falar sobre Chico Anísio... ((canta algo com efeito de voz em falsete, vídeo acelerado, imagem preta e branca))

Labirintite.

0'14''

em pleno século vinte e um... ainda tem gente que escreve e fala errado... que eu não consiga... eu não admito isso... tá? eu não admito... porque se você é uma pessoa mais velha... num teve oportunidade de estudar... a gente compreende LEVEMENTE... agora se você é uma criança que num faz nada da vida... fica lá na escola ao invés de prestar atenção no que a tua professora tá falando... tá lá... no *whatsapp*... trincado no *facebook*... tu merece um ((gesticula um tapa no ar)) ... num pode bater em criança...

0'37''

you acha que é maneiro falar... escrever errado? cê acha que você vai ter amigos? você acha que você vai conseguir conquistar o mundo falando errado? é óbvio que não... então eu como sou uma pessoa muito maneira... muito generosa... muito bondosa... já garanti minha cobertura tríplice no céu ao lado de São Pedro... eu resolvi ajudar vocês **A PARAR DE ESCREVER E DE FALAR ERRADO... aquelas coisas que mais irritam uma criatura no... SISTEMA SOLAR...**

01'11''

vamos começar a aula... agente junto e a gente separado... sabe o que que é o agente junto? o agente junto é aquele agente do do FBI... tendeu? é um agente lá de... é um agente de moda... um agente de de merda qualquer... quando você quer falar a gente nós... nós dois... a gente a galera... **É SEPARADO... PELO AMOR DE DEUS... PARA DE ESCREVER A GENTE JUNTO QUE ISSO IRRITA QUALQUER PESSOA...**

01'33''

mas e mais ((suspiro, revira os olhos)) mais com i tem significado de quantidade... adição... mas sem o i é uma conjunção com significado de restrição e oposição... exemplo... quanto MAIS eu assisto teus vídeos... MAIS eu gosto de você... eu queria falar igual a você... MAS: : : a minha mãe num deixa...

01'57''

com certeza junto.... **quem foi o desocupado que começou a usar isso... né? porque num sei onde que com certeza é com n e junto... não... É COM ... COM CERTEZA...** separado com m... <concerteza>

02'10''

menos e menas... não importa qual seja a palavra que venha depois... mas o correto é sempre usar menos... **menos é um advérbio e não sofre alteração de gêneros... ou seja... é sempre menos... infeliz... num é menas...** eu tô menas cansada hoje... eu tô menas... menas é... -- GENTE... OLHA... se... UHN: : ... -- **se tu fala menas perto de mim... acabou a tua vida... entendeu? acabou... é psicólogo pro resto da vida...**

02'37''

exceção não se escreve com dois s... por que que as pessoas fazem isso então? **inventa... inventa...** ah eu acho que é com dois s... mas num é... não é... e olha só... coloca uma coisa na tua cabeça... e fica falando isso durante uma semana até impregnar aqui... ((bate na própria cabeça)) X... C... Ç... X... C... Ç... X... C... Ç... X... C... Ç ((voz em falsete, acelerado)) GRAVA... GRAVA... decora isso... faz uma música com isso pucê aprender a escrever exceção... <esseção>

03'01''

amiga... amiga... para com isso porque num tem nada a ver nós dois... a gente só deu um beijinho nada a ver... **nada a ver tu colocar o verbo “haver” aí nesse babado sendo que num tem nada a ver com isso...** NADA A VER... é a mesma coisa do que... não ter relação com... num tem nada com verbo... TIRA ISSO DAÍ... **Aurélio fica puto quando lê isso aí...**

03'22''

eu gostaria sinceramente hoje de entender a cabeça de um ser humano que escreve de repente junto... me fala qual o seu problema... o que que passa na tua cabeça pra você

escrever de repente junto? DE REPENTE É SEPARADO... DE REPENTE É SEPARADO... DE REPENTE É SEPARADO... RÁ... <Derepente>

03'42''

agora chegamos à campeã... a palavra que é mais escrita errada por essas pessoas maravilhosas desse Brasil... ANSIOSO... ansioso não se escreve com c de cavalo... sua anta... ansioso é com s... cola ... faz uma tatuagem assim de caneta ó ((escreve no braço)) S... S... ANSIOSO... S...S... ((mostra o braço onde escreveu a letra s com caneta de quadro branco)) e fica olhando assim o dia inteiro. S... S ... <Ancioso>

04'02''

hoje eu estou de mau humor... é só inverter... hoje eu estou de bom humor... Logo... esse mau é com u... **cadê... cadê a dificuldade? cadê o mistério aí? me fala...** ((lousa cai; fala à parte)) quebrou... Ximba... o quadro. <Mau-BOM Mal-BEM>

04'17''

cara... tipo assim... hoje fazem dois dias que a gente tá namorando... o verbo fazer quando exprime tempo... ele é impessoal... porém... contudo... entretanto... todavia... **NÃO FAZEM DOIS DIAS... Ô... IMBECIL... FAZ DOIS DIAS... FAZ... FAZ. ... FAZ...**

04'37''

MIM NÃO É SUJEITO... MIM NÃO É... psiu... volta aqui... volta aqui que eu tô falando com você... mim não é sujeito... NÃO É... NÃO É... mim não faz nada... mim não pega nada... tá... vo... você não é índio... e hoje eu acho que até o índio já sabe que mim não conjuga verbo... tá? é pra eu porra... num é pra mim...

05'01''

eu gostaria de informar vocês que peso é uma palavra masculina então PARE DE PEDIR UMA GRAMA... É UM GRAMA... <UM grama>

05'05''

não se diz IMbigo... se diz UMBIGO... <Umbigo>

05'07''

tauba é só de tiro ao Álvaro... **o correto é TÁBUA...** <Tábua>

05'11''

e isso aqui que a gente tem no rosto é o que? ((indica a sobrancelha)) soBRANcelha... tira esse m'' daí... <SoBRANcelha>

05'17''

não é asterístico é ASTERISCO... <AsterisCO>

05'23''

para de falar o verbo com no no final... num é FAZENO... num é FALANO... num é CANTANO... É FAZENDO... FALANDO... CANTANDO...

05'45''

mas agora com as redes sociais também as pessoas usam muita gíria... muita abreviação... o que eu num acho errado... não... **só que na hora da prova você vai se lascar porque você num pode fazer isso... então tu tem que saber escrever certo... e tu...pelo amor de Deus... coloca plural em tudo... coloca... às vezes tu fala de sacanagem igual eu tô fazendo aqui agora... mas é feio... num colocar plural é feio a num ser que você queira ser um cantor de *funk*... aí tá liberado num saber plural...**

05'55''

e hoje eu escolhi uma frase maravilhosa pra encerrar esse vídeo que é a seguinte ((canta algo com voz em falsete)) gostou do vídeo dá um *like*... num gostou do vídeo ASSISTE DE NOVO e quem sabe na segunda vez você gosta...

06'11''

não esquece de se inscrever aqui no canal... de me seguir nas redes sociais e assistir os vídeos anteriores que tão ÓTIMOS... MARAVILHOSOS... assiste lá... dá um *like* em tudo tamém...

06'19''

e a qualquer momento a gente volta com Marcela sem filtro ou segunda-feira a gente tá aqui nove horas... nove e pouco... nove... dez e meia... por aí... tá bom? beijo... ((manda um beijo para a câmera))